

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

NAILÔN FERREIRA SILVEIRA

ENSINO DE SOCIOLOGIA EM ESCOLA PARTICULAR: ANÁLISE DE
ESCOLAS MARISTAS.

CURITIBA

2020

NAILÔN FERREIRA SILVEIRA

ENSINO DE SOCIOLOGIA EM ESCOLA PARTICULAR: ANÁLISE DE
ESCOLAS MARISTAS.

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção de título de Mestre, Curso de Mestrado
Profissional em Sociologia em Rede Nacional –
Profsocio, Setor de Ciências Humanas, Universidade
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Czajka

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Silveira, Nailôn Ferreira

Ensino de sociologia em escola particular : análise de Escolas Maristas. /
Nailôn Ferreira Silveira. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) – Setor de Ciências
Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Rodrigo Czajka

1. Sociologia (Ensino médio) - Estudo e ensino. 2. Educação – Escolas
particulares. I. Czajka, Rodrigo, 1976-. II. Título.

CDD – 301.07



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL - 25016016039P8

ATA Nº3

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

No dia vinte e sete de março de dois mil e vinte às 14:00 horas, na sala 914, Reitoria da UFPR, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando NAILÔN FERREIRA SILVEIRA, intitulada: **ENSINO DE SOCIOLOGIA EM ESCOLA PARTICULAR: ANÁLISE DE ESCOLAS MARISTAS**, sob orientação do Prof. Dr. RODRIGO CZAJKA. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL, foi constituída pelos seguintes Membros: RODRIGO CZAJKA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), JOSNEI DI CARLO VILAS BOAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), MARISETE TERESINHA HOFFMANN HOROCHOVSKI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, RODRIGO CZAJKA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 27 de Março de 2020.

Assinatura Eletrônica

27/03/2020 16:06:30.0

RODRIGO CZAJKA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/03/2020 16:11:01.0

JOSNEI DI CARLO VILAS BOAS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/03/2020 16:03:35.0

MARISETE TERESINHA HOFFMANN HOROCHOVSKI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL - 25016016039P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de NAILÔN FERREIRA SILVEIRA intitulada: **ENSINO DE SOCIOLOGIA EM ESCOLA PARTICULAR: ANÁLISE DE ESCOLAS MARISTAS**, sob orientação do Prof. Dr. RODRIGO CZAJKA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Março de 2020.

Assinatura Eletrônica

27/03/2020 16:06:30.0

RODRIGO CZAJKA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/03/2020 16:11:01.0

JOSNEI DI CARLO VILAS BOAS

Avallador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/03/2020 16:03:35.0

MARISETE TERESINHA HOFFMANN HOROCHOVSKI

Avallador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedicatória e agradecimentos:

Dedico esse trabalho aos professores e professoras de sociologia, e aos seus estudantes dessa complexa ciência.

Agradeço, aos Colégios Maristas Santa Maria e Anjo da Guarda, na figura de suas professoras de sociologia que gentilmente nos ajudaram nesse trabalho. Agradeço também aos professores da Universidade Federal do Paraná, em destaque ao meu orientador Rodrigo Czajka e coordenadora Simone Meucci.

Mas o agradecimento principal fica para a minha família, esposa e filho, nessa difícil tarefa de compreender ausências e distâncias.

RESUMO

Com o objetivo de analisar as características da sociologia como componente curricular importante em escolas particulares, os estudos foram centralizados em duas escolas do Grupo Marista de Curitiba, Colégio Santa Maria e Colégio Anjo da Guarda. Para tanto, foi necessário analisar as bibliografias sobre o ensino de sociologia no Brasil e as discussões entre a educação pública e privada no país envolvidos na construção das leis de diretrizes e base da educação básica. Também buscou analisar a sociologia escolar, a partir de documentos produzidos pelas escolas, entrevistas com professores e questionários com os estudantes de sociologia, com o auxílio da teoria de Durkheim, Bourdieu e Elias. O estudo demonstrou a importância prática da sociologia escolar na argumentação e interpretação de textos; a influência de elementos da religiosidade cristã católica nas aulas de sociologia; e as particularidades das aulas de sociologia voltadas a um público de elite econômica, social e política.

Palavras chaves: Ensino de sociologia, educação particular, sociologia escolar.

ABSTRACT

In order to analyze the characteristics of sociology as an important curricular component in private schools, studies centered on two schools of the Marist Group of Curitiba, Colégio Santa Maria and Colégio Anjo da Guarda. For that, it was necessary to analyze as bibliographies on the teaching of sociology in Brazil and as discussions between public and private education in the country involved in the construction of basic laws and basic education. It also sought to analyze school sociology, based on documents used by schools, interviews with teachers and questionnaires with students of sociology, with the help of the theory of Durkheim, Bourdieu and Elias. The study demonstrates the importance of school sociology in the argumentation and interpretation of texts; an influence of elements of Christian religiosity in sociology classes; and as particularities of sociology classes aimed at a public of economic, social and political elite.

Keywords: Sociology teaching, private education, school sociology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	RECONSTITUIÇÃO DE ALGUNS DEBATES SOBRE O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO PÚBLICA E PRIVADA NA ELABORAÇÃO DA LDB 4024/61 E DA LDB 9394/96.....	11
2.1	Histórico da sociologia no ensino médio no Brasil.....	11
2.2	LDB 4024/61.....	23
2.3	LDB 9394/96.....	28
3	ESTRUTURA DA SOCIOLOGIA NAS ESCOLAS MARISTAS DE CURITIBA.....	35
4	ATUAÇÃO DOS INDIVÍDUOS (PROFESSORES DE SOCIOLOGIA E ESTUDANTES) E SUA RELAÇÃO COM A SOCIOLOGIA ESCOLAR.....	49
5	CONCLUSÃO.....	59
	REFERÊNCIAS	65
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DE SOCIOLOGIA DO COLÉGIO MARISTA SANTA MARIA / 2019.....	67
	ANEXO B – ENTREVISTA COM PROFESSORAS DE SOCIOLOGIA.....	70
	ANEXO C – PLANOS DE AULAS SOCIOLOGIA 2017.....	91

1 INTRODUÇÃO

A escola, como instituição de educação e socialização de crianças e jovens possui diversas atribuições: preparar para o mercado de trabalho, para o ingresso e permanência dos educandos no ensino superior, formação para a cidadania e atuação em sociedade além de espaço de educação e processo de socialização são algumas dessas atribuições. A análise, tendo essas atribuições em mente, observou a escola como um fator importante na formação de cada indivíduo, tendo um papel destacado na socialização dos jovens e principalmente buscou investigar a situação da sociologia nesse ambiente de socialização, posto que debate diretamente com os alunos as questões sociais do seu próprio tempo.

Acreditando que a escola tem grande contribuição no processo de socialização e formação dos jovens, a sociologia tem relevância nesse processo, pois a sociologia ganha destaque na busca pela compreensão das consciências, identidades e transformações do ser humano. Por ser um componente de reflexão social, de polaridade de ideias, a sociologia pode contribuir para uma formação dos jovens estabelecendo o pensamento questionador, controverso e necessário em um ambiente de múltiplas interpretações como a sociedade contemporânea.

Assim, foi imperativo a percepção da estrutura da sociologia escolar nesse processo, pois a sociologia tem um papel de destaque, é uma das poucas, senão o único componente curricular que debate diretamente com os alunos as questões sociais do seu próprio tempo. Por exemplo: as funções da escola e seu papel na educação dos jovens.

A análise recai sobre um ponto pouco explorado: o ensino de sociologia em escolas particulares que possuem um público de classe média / alta. O interesse pelas práticas educacionais em escolas particulares parte também pela possibilidade de compreender como um grupo social importante, as elites, interagem com os conhecimentos sociológicos. A escolha de escolas particulares do grupo Marista de Curitiba, no caso Colégio Anjo da Guarda, e principalmente Colégio Santa Maria se deu pela possibilidade de análise direta da prática profissional, pois atuo profissionalmente na instituição, o que possibilitou perceber também a organização de uma escola particular de orientação católica.

Para tanto nossa pesquisa levou em consideração os professores de sociologia e seus respectivos alunos, além dos materiais oficiais das escolas, seus planos de aulas, orientações e diretrizes. Pois, no caso dos profissionais da educação, são eles que possuem o conhecimento científico sociológico e a experiência de transmissão desses conhecimentos, com isso tivemos a possibilidade de compreender a estrutura da sociologia na escola, e como retorno prático, poderia ajudá-los a se fazer entender pelos seus próprios educandos, obtendo uma melhoria na sua qualidade de trabalho. Para os alunos, buscamos observar a sua compreensão das possibilidades que a sociologia proporciona ao analisar a estrutura da sociedade, e que esse conhecimento pode realmente auxiliar na sua formação, tanto imediata quanto futura, demonstrando um maior sentido na sua atuação escolar.

A pesquisa se desenvolveu dentro de duas escolas do grupo Marista de Curitiba, o Santa Maria e o Anjo da Guarda. Esse grupo escolar tem grande tradição no ambiente educacional, pois atua na cidade desde o início do século XX, com cerca de quatro mil estudantes, em diversos níveis de ensino. O local de pesquisa também foi escolhido por ser ambiente de trabalho do pesquisador, o que dentro das intenções da análise profissional, que é foco dessa categoria de pós-graduação, permitiu acesso e possibilidades interessantes dentro do trabalho.

Para desenvolver a análise das escolas particulares dentro do mesmo grupo educacional, no caso do Grupo Marista, na tentativa de observar essas realidades, buscamos como fonte primeiramente os planos educacionais que expõem objetivos e indicadores de aprendizado para o componente curricular de sociologia, os estudos sobre os documentos oficiais nos permitiram uma observação dos temas, conteúdos e assuntos que são abordados pela sociologia escolar em escolas particulares.

Além disso realizamos entrevistas com os professores de sociologia das instituições, buscando questioná-los sobre o papel da sociologia dentro da formação escolar, pergunta que também foi feita para os educandos em forma de questionário. Assim a metodologia desenvolvida foi: análise de documentos escritos, os objetivos e indicadores de aprendizagem do componente curricular de sociologia; entrevista com os professores de sociologia de cada escola, tendo como foco a forma como a sociologia se estrutura na escola, a partir dos objetivos determinados e questionário com os alunos do ensino médio, buscando perceber nas respostas, sua opinião sobre a sociologia e suas percepções da educação escolar.

O questionamento principal seria como a sociologia estaria presente em escolas particulares e como consegue contribuir para a melhor compreensão do mundo dos educandos por eles próprios? A sociologia contribui para a formação dos jovens em uma interpretação que possibilite a busca por transformações e não apenas como reprodutor de uma estrutura determinada?

Para a construção dessa pesquisa o primeiro ponto foi observar o cenário histórico do ensino de sociologia no contexto brasileiro. Para isso visitamos autores importantes de dois momentos históricos relevantes para o ensino de sociologia, as décadas de 1940 e 1950, quando o seu ensino na educação básica estava em debate, já que não estava presente na estrutura educacional da época; e o período do início do século XXI, desde de 2008 com a sua obrigatoriedade na educação básica até os questionamentos mais atuais. Além disso, buscamos perceber como nestes períodos ocorria a relação educacional entre ambientes públicos e particulares, observando as questões em torno da promulgação das LDB's de 1961 e de 1996.

Depois conceituamos educação a partir de alguns estudos da teoria desenvolvida por Durkheim e Bourdieu, e como esta pode ser utilizada na compreensão da escola particular, em análise dos planos de aulas de sociologia, das diretrizes e orientações educacionais e de matérias de apoio ao professor. Nesse momento a intenção foi analisar, com o auxílio dos autores acima citados, os documentos utilizados pela sociologia escolar em um ambiente de educação particular.

Em seguida foi determinado a ação dos indivíduos na escola, professores de sociologia e alunos de sociologia com o auxílio de alguns elementos do pensamento de N. Elias. Esse último momento de pesquisa foi para percebermos a relação que os indivíduos envolvidos com a sociologia escolar, ou seja, professores e alunos, recebem, interpretam e se relacionam com os conhecimentos sociológicos dentro da escola particular.

Levando em consideração essas teorias e conhecimentos, a intenção primordial desse estudo relacionado com a linha de pesquisa Educação, Escola e Sociedade foi de perceber como ocorre a estrutura do componente curricular de sociologia dentro das escolas particulares, além disso, buscou reconhecer dentro dos objetivos e indicadores de aprendizagem como a sociologia é apresentada, com relação as suas funções, conteúdos e métodos e demonstrar os temas principais

trabalhados pela sociologia, com ênfase nas questões de cultura, trabalho e política, temas destacáveis da sociologia escolar.

Para tanto, foi necessário refletir a partir da opinião de professores e alunos sobre a função da sociologia escolar e como está presente no seu cotidiano; buscando entender o papel da sociologia escolar para professores e alunos; debatendo e analisando a opinião dos educandos sobre a sociologia como disciplina interessante e prazerosa no seu dia-a-dia e de validade para sua vida futura.

Com esses dados de cada uma das duas instituições de ensino privado, buscamos traçar uma estrutura ou funcionalidade da sociologia na prática escolar, como a sociologia estaria relacionada ao cotidiano desse ambiente, e como os indivíduos diretamente envolvidos se relacionam com esse conhecimento.

2 RECONSTITUIÇÃO DE ALGUNS DEBATES SOBRE ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO PÚBLICA E PRIVADA NA ELABORAÇÃO DA LDB 4024/61 E A DA LDB 9394/96

O ensino de sociologia, ou mesmo a presença de sociologia em ambiente escolar seria um estudo a parte dentro da educação brasileira, devido a sua inclusão e retirada em diversos momentos. Buscamos analisar essa trajetória da sociologia no Brasil, com o auxílio de diversos pesquisadores clássicos (Antônio Cândido, Costa Pinto e Florestan Fernandes) e contemporâneos (Ileizi Fiorelli Silva, Simone Meucci, Fagner Carniel, entre outros) na tentativa de fazer uma pequena reconstrução histórica que nos permita entender a situação da sociologia nas escolas na atualidade.

Além disso para a nossa análise inicial é importante entendermos a organização da educação pública e privada no Brasil. A educação esteve presente na agenda pública brasileira do processo de redemocratização, exemplo disso está nas propostas e projetos de governo de candidatos do executivo e do legislativo, que normalmente citam a educação como um dos pontos primordiais da ação do Estado; e também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, em fase da sua elaboração, implementação e posteriores inclusões.

Buscamos analisar as leis LDB 4024/61 e LDB 9394/96 sobre o prisma das políticas públicas, principalmente no que se refere a sua tramitação, e o debate que ocorre entre a educação pública e privada e seus respectivos interesses em cada momento. Também buscamos identificar as relações possíveis entre o público e o privado na tramitação das leis de diretrizes da educação a partir atuação pública de diversos personagens políticos dentro desse debate.

2.1 Histórico da sociologia no ensino médio no Brasil

O estudo da implementação da Sociologia na Educação Básica, a partir de diversos autores, partindo do século XX, até os contemporâneos, nos auxilia na compreensão da forma como a sociologia é observada na atualidade, inclusive na

educação particular. Vários autores atuais ou do meado do século XX analisaram as condições da sociologia nas escolas de formação básica no Brasil.

Segundo Meucci (2015), podemos analisar a sociologia escolar no Brasil a partir de 1925, sendo marco inicial desse processo devido a instituição da sociologia no Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. O ensino de sociologia nesse período estava relacionado à crise do modelo agrário exportador e da oligarquia política que durante muito tempo foi presente no início do século XX, assim se tornava imperativo a percepção das relações sociais para uma reformulação institucional antiliberal. Assim ocorrendo uma relação entre a sociologia escolar e a burocracia administrativa.

A partir de 1930, com as mudanças políticas brasileiras relacionadas ao início do Governo Vargas (1930-1945), ocorre a Reforma Francisco Campos (1931), que com vários decretos buscou estruturar e centralizar na federação o ensino secundário e superior no Brasil de forma administrativa e pedagógica. Nesse contexto, a Sociologia se torna obrigatória para candidatos a acadêmicos, ou seja, uma elite intelectual com o controle do pensamento social. Na época a sociologia era:

“Normativa, prescritiva de noções de civilidade, civismo e até higienismo. Mais do que isso, ofereceu uma metáfora da sociedade: a metáfora orgânica, na qual se ocultaram desigualdades sociais sob os argumentos da diferença, da funcionalidade, solidariedade e autoridade” (Meucci, 2015, p.254).

Também nessa época havia a interpretação e utilização dos pensamentos da sociologia por grupos antagônicos: liberais e autoritários, conservadores e humanistas, todos viam a sociologia como uma ciência válida e importante para conhecer a sociedade, o Estado ou a ordem social. Isso refletiu nos primeiros cursos de Ciências Sociais no Brasil, que debatiam em sua organização de estudo o moderno e o tradicional, o liberalismo e o autoritarismo.

A Sociologia escolar foi retirada da educação básica em 1942 pela Reforma Capanema¹, relacionada a crise do nacionalismo e das organizações antiliberais, além

¹ Reforma Capanema: Durante o Estado Novo (1937-1945) a regulamentação do ensino foi levada a efeito a partir de 1942, com a Reforma Capanema, sob o nome de Leis Orgânicas do Ensino, que estruturou o ensino industrial, reformou o ensino comercial e criou o Serviço Nacional de Aprendizagem

disso, a sua saída pode estar vinculada a falta de legitimidade científica ou literária observada durante a reforma educacional. Também nesse contexto ficou explicito suas contradições no Brasil, no passado escolar vista como antidemocrática e na academia como caminho para a democracia, segundo Meucci (2015).

Em 1949 foi publicado dois artigos na revista de Sociologia da Escola Livre de Sociologia e Política que debatiam a possibilidade da Sociologia na “escola para adolescentes” dentro da Reforma Educacional Capanema de 1942 que não previa a sociologia, os artigos escritos por Costa Pinto, a favor da sociologia, e Antônio Candido, contra; nos possibilita uma interpretação dessa situação. Alguns anos depois, em 1954, no I Congresso Brasileiro de Sociologia, Florestan Fernandes organiza uma ótima contribuição para esse debate.

Costa Pinto (1949) entendeu a educação como o processo de transmissão da cultura, técnicas e informações de uma sociedade para as novas gerações, e a escola seria uma das instituições que ocorreria a socialização da personalidade e essa transmissão cultural. Essas ideias culturais tendem a ser os valores dominantes da sociedade, que desenvolvem as suas estruturas. Assim, as crises da educação muitas vezes exprimem as crises dos valores dominantes da sociedade, que buscam resistir as mudanças sociais. Quando isso ocorre “no setor da educação, se procura estreitar e reduzir ainda mais os limites daquelas esferas de conhecimento [...] denominadas áreas proibidas ou pensamentos perigosos” (Pinto, 1949, p.291). A ponto de negar conhecimentos científicos e empíricos que poderiam desestruturar a sociedade, sendo a sociologia um dos alvos prediletos dessas restrições devido ao seu papel em explicar as relações humanas.

Tendo como ponto de análise a “escola do adolescente”, esta teria a função não só de transmitir conhecimentos, mas também de formar a personalidade do jovem, levando em consideração o contexto social em que o jovem estaria inserido e as particularidades que a faixa etária exige. Qualquer sistema educacional que não fornecer o estudo das transformações sociais não impedirá que os jovens tenham contato com elas, apenas que a compreensão das transformações sociais ocorra de forma errada ou sejam falsas e mal interpretadas.

Industrial – SENAI, como também trouxe mudanças no ensino secundário. Gustavo Capanema esteve à frente do Ministério da Educação durante o governo Getúlio Vargas, entre 1934 e 1945.

Assim a escola teria um papel importante na formação de uma cidadania consciente, e isso só é possível com o “estudo científicos dos aspectos elementares e básicos da organização social” (Pinto, 1949, p.295), principalmente pois não haveria como evitar o contato dos jovens com o mundo social. A negação da sociologia como estudo para os jovens demonstraria o menosprezo científico que aqueles que organizam a escola tem por áreas como a organização social, econômica, política e cultural da sociedade.

Costa Pinto (1949) ainda afirma que a eliminação da sociologia poderia ser vista como um símbolo para o pensamento político social dessa época, a eliminação da participação consciente dos indivíduos nos processos sociais. Mesmo em momentos históricos em que a sociologia estava presente seu estudo foi feito de forma equivocada e antiquada. A sua exclusão também demonstraria a incoerência do pensamento que, em teoria, buscava uma formação ampla e a preparação para estudos superiores, mas deixaria de ser ampla pois falta aos estudos a reflexão sobre as relações sociais e não preparava para outros estudos já que não instruía para análises da realidade. A pretendida educação moral e cívica, citada na Reforma Capanema, com exaltação dos “valores patrióticos” “individualidades condutoras” e “fortes vontades” tende a desvalorizar a compreensão dos processos científicos.

O ensino de sociologia, segundo Costa Pinto (1949), teria um lugar na educação dos jovens, o de dar conceitos fundamentais sobre a vida social e possibilitar ao jovem, a partir do processo científico, a possibilidade de interagir conscientemente na sociedade. O problema estaria na forma como a sociologia seria apresentada, como algo distante, normativo ou extraordinário. O ensino de sociologia não poderia ser “o que pensar, mas como pensar”.

Já Antônio Candido (1949) iniciou seu artigo demonstrando a importância da sociologia para a análise, interpretação e orientação da vida social a partir de três aspectos: ponto de vista, técnica social e ciência específica.

Como ponto de vista, seria a forma de compreender a organização estrutural da sociedade; como técnica de intervenção racional para ajustamento das relações sociais, sendo neste ponto a razão ética e histórica da sociologia; e como ciência de levantamento dos fatos sociais para poder entendê-los e explicá-los. Assim, o ensino de sociologia deveria: “... dar aos jovens atitude científicas e recursos de análise, mas

prepará-los, ao mesmo tempo, para enfrentar harmoniosamente os problemas que a vida social propõe” (Candido, 1949, p.279).

O ensino de sociologia deveria então possibilitar certas técnicas de compreensão da realidade. A dúvida do professor estaria no meio, na metodologia. Antônio Candido, no seu texto “Sociologia: ensino e estudo” de 1949 sugeria: o método lógico-histórico e os métodos diretos. O método lógico histórico estaria vinculado aos conceitos e escolas da sociologia destinado aos anos finais de cursos ou para casos de especialização. O método direto seria a apresentação dos aspectos concretos da vida social e a observação dos mesmos pelos alunos, voltado para o início dos cursos. Pois a iniciação teórica seria uma decorrência ou mesmo necessidade da análise da realidade social. Para tanto, orienta a partir da obra de Lowel Carr (sociólogo americano), que a observação deve ser ilustrada pela iniciação teórica, que as situações escolhidas devem possibilitar uma visão completa dos alunos e que estas situações devem ser ilustradas por obras literárias e históricas.

Ainda segundo Candido, as situações enfrentadas pelo ensino de sociologia no Brasil em 1949 seriam: posição da sociologia, problemas do professor, problemas dos alunos. No caso da posição da sociologia, Antônio Candido se colocou como contrário ao ensino de sociologia no nível colegial, podemos fazer um paralelo com o nível médio. Pois segundo o autor, esse nível de estudo já estaria sobrecarregado de conhecimentos, e que o jovem para compreender a sociologia precisaria de alguns conhecimentos prévios, a qual muitos não possuíam. A sociologia estava presente nos cursos superiores de ciências sociais, filosofia, pedagogia e na escola normal.

“Não nos parece, contrariamente a opinião predominante entre os sociólogos, que deva o seu ensino ser restabelecido no curso colegial [...] Com efeito, não apenas o currículo do curso secundário, em ambos os ciclos, padece de sobrecarga, como a sociologia é matéria que pressupõe conhecimentos de história, geografia e filosofia” (Candido, 1949, p.283).

Na análise de Antônio Candido, o problema em níveis superiores estava na falta de estrutura e valorização dos cursos das ciências humanas (divisão entre disciplinas teóricas e de laboratório). No caso do professor, ele deveria preparar os alunos para refletir sobre os problemas sociais de forma teórica, empírica e para

interpretar o mundo a sua volta. Para isso, o professor deveria estar sempre ciente que suas aulas têm que representar a realidade da experiência, histórica ou vivida pelos seus alunos e que ele deve resistir de complicar demais conceitos, temas e termos que são considerados simples na busca de justificar a sua importância científica. Já com relação ao aluno o problema está na má formação colegial, no atrativo profissional e nas dificuldades de conciliar o estudo com a realidade de trabalho sendo imperativo o incentivo a bolsa de estudos.

Para concluir seu artigo, Antônio Candido destacava a difícil missão de demonstrar aos alunos a importância da análise social como um aspecto dos mais importantes para a compreensão da estrutura social e que estes conhecimentos devem ser postos em práticas para analisar a vida presente e seus problemas.

No caso de Florestan Fernandes, na sua participação no I Congresso Brasileiro de Sociologia em 1954, demarca logo no início a importância da reflexão sobre a Sociologia no espaço escolar. Sugerindo que todo sociólogo no Brasil deveria refletir sobre a necessidade ou não do seu estudo no curso secundário. Não por motivos profissionais, mas por ser a forma mais positiva de desenvolvimento de um pensamento social, e assim, auxiliar no entendimento racional das relações sociais.

Devido a necessidade de formar nas novas gerações discernimento crítico e a capacidade de perceber no contexto social a qual estão inseridas as contradições da realidade social, a sociologia seria um conhecimento imprescindível nessa construção. A intenção seria possibilitar ao jovem os meios de analisar o contexto social onde este estaria inserido, isso de forma científica, possibilitando uma melhora na sua convivência com o outro e consigo mesmo. Para vários intelectuais das décadas de 1940 e 1950, inclusive Florestan Fernandes, era imprescindível uma formação completa dos jovens, isto incluía a sociologia, a intenção era fortalecer a formação intelectual da população para a busca da formação e emancipação política.

Determinando que a função da sociologia no espaço escolar seria o de aprofundar o conhecimento crítico dos jovens em análise da sua realidade observada, em espaços escolares mais dinâmicos e abertos a conscientização seria o melhor ambiente para o desenvolvimento pleno da sociologia, onde isso não ocorre a educação para a sociologia teria maior dificuldade. Inclusive seria recomendado a inclusão da sociologia inclusive para trazer certa mudança e contextos sociais estáticos, como muitas vezes se apresenta a escola.

Seria muito difícil, em uma sociedade sem formação para o debate democrático, formar para a atuação de forma cidadã, por isso torna-se necessário essa instrução. A escola seria um ambiente propício para essa formação. A escola estaria inserida no contexto social, mas poderia salientar aspectos dessa sociedade, ou discutir com esses elementos, ou seja:

“Embora a escola não esteja acima do entrechoque dos interesses econômicos e das lutas políticas, é claro que ela poderia ter desempenhado um papel construtivo na formação da consciência cívica dos cidadãos” (Fernandes, 1954, p. 103).

A interpretação de autores do século XX como Costa Pinto, Antônio Candido e Florestan Fernandes nos ajuda a entender a construção da sociologia escolar e qual o seu papel na formação dos jovens. Apesar de discordarem quanto a presença da sociologia em níveis básicos de educação, Costa Pinto e Florestan Fernandes sendo a favor e Antônio Candido contrário, os três concordam que a sociologia seria um dos conhecimentos necessários para melhor entendimento da realidade social.

Em períodos mais contemporâneos, podemos destacar alguns artigos e autores que reafirmam a importância dos conhecimentos da sociologia para a formação dos jovens, são eles: A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina de Ileizi Fiorelli Silva; O ensino de Sociologia: Periodização e campanha pela obrigatoriedade de Amaury Moraes; Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente de Simone Meucci e; O Ensino de sociologia e seus públicos de Fagner Carniel e Zuleika Bueno.

Fiorelli Silva (2007) busca refletir, interpretar, compreender e analisar o ensino de sociologia na educação básica no Brasil. Dessa forma demonstraria que a presença da sociologia como disciplina escolar, ou sua não presença nas escolas, apesar do conhecimento das ciências sociais estar presente em outras áreas, principalmente de ciências humanas; deve ser entendida dentro da relação com cada momento histórico social.

Segundo Fiorelli Silva (2007) a primeira interpretação é de que a sociologia forma um conhecimento científico e se torna um saber pedagógico/científico para sua atuação nas escolas. Para isso, ocorre a seleção de textos, temas e teorias em detrimento de outras em uma relação de interesses dominantes do período, assim se desenvolve o *discurso especializado das ciências de referência* (Silva, 2007). Esse movimento pode ocorrer em três espaços, sendo o espaço escolar o terceiro e último, onde a ciência estaria recontextualizada, depois dos centros de pesquisas e dos órgãos oficiais.

Assim, no Brasil, se destacou quatro momentos para a sociologia escolar: clássico científico, regionalizado tecnicista, regionalizados competências, científico. O clássico científico, antes de 1971, era símbolo da modernização buscada no período, vinculado a busca de dar sentido a ideia de nação, sendo desenvolvida de forma dual: pois se tinha a ideia de duas formações escolares, uma direcionadas para as elites e formações acadêmicas e atividades intelectuais, outra para o mercado de trabalho para a maioria da população. O ensino era conteudista e disciplinar e a sociologia voltada para o curso normal e para preparação para o ensino superior.

O regionalizado tecnicista, de 1971 até 1983 ou 1988, era voltada para o conhecimento imediato valorizando o conhecimento técnico especializado, com relação ao campo de atuação profissional o que desvalorizava o conhecimento científico. A Sociologia não tem espaço, sendo substituída por estudo moral e cívica e OSPB, demonstrando orientações política ideológicas do período.

O regionalizado por competências, teria uma formação mais generalista buscando o mercado de trabalho mais ainda dentro da ideia de educação imediatista. Ocorre um processo de individualismo pedagógico de influência psicológica que dá destaque para a motivação. A Sociologia seria vista como um componente transversal, vinculado a outras áreas de conhecimento, como a história e a geografia, sem ser efetivamente desenvolvida.

O científico, que ainda permanece, busca uma formação mais ampla e indo além do imediato educacional, com um discurso pedagógico científico politizado, que busca uma formação para a cidadania. Nesse contexto, ainda presente, a sociologia é observada como uma disciplina de conhecimento válido para a formação dos jovens, por isso se encontra em redes públicas e particulares de ensino.

Estas duas últimas estão em embate na educação atual, sendo que a sociologia tem um papel importante nessa disputa, pois sinaliza muito claramente as posições políticas pedagógicas divergentes entre os dois casos, pois “há uma compreensão de que a sociologia só será uma disciplina escolar em um modelo que valoriza as ciências de referência” (Silva, 2007, p.420).

O que podemos interpretar da análise feita por Fiorelli Silva (2007) seria que o futuro da sociologia escolar dependerá do tipo de escola, de formação para os jovens, de sociedade que buscamos, pois se a intenção for uma formação para o mercado de trabalho a sociologia seria vista de uma forma secundária do que pode ser utilizada se a orientação for para uma interpretação e atuação cidadã dos jovens. Se pensarmos nas possibilidades da sociologia escolar sua utilidade científica vai muito além da sala de aula, sua importância está em seus estudos sobre juventude, escola, trabalho, entre tantos outros temas que podem auxiliar na formação de jovens, e inclusive em políticas para a educação.

Outro autor, que como Fiorelli Silva, busca realizar uma interpretação histórica da sociologia escolar e suas diversas características foi Amaury Moraes (2011) que destaca a influência da burocracia educacional na administração do currículo escolar que seria um fator determinante para a Sociologia estar ou não dentro da educação escolar básica, mas do que sua característica de criticidade. Seu estudo faz um resgate histórico amplo, mais buscaremos analisar a partir da Reforma Capanema de 1942, devido ao recorde temporal realizado pela pesquisa.

A Reforma Capanema tem marcas importantes na educação brasileira, não só por permanecer até 1971, mas a divisão proposta em ginásial e colegial ainda é utilizada como fundamental II e médio. A exclusão da sociologia do currículo estava mais relacionada a falta de compreensão da ciência como algo útil para a construção dos interesses tradicionais e modernizadora dos burocratas da época do que por caráter ideológico. A sociologia seria algo como “formativo” e não preparatória, propedêutica (Moraes, 2011). As reformas educacionais de 1961, dentro de um ambiente democrático, não possibilitaram a volta da sociologia para as escolas.

O retorno da sociologia, ainda não de forma obrigatória e nacional, para a escola no início da década de 1980 ocorria em um ambiente que buscava maior participação das decisões, relacionado a reabertura política lenta gradual que o país

passava nos últimos anos da ditadura militar, por isso foi vista como algo que represente essa possibilidade democrática, inclusive sua primeira proposta pedagógica citava: “sintomaticamente, os movimentos sociais vão constituir temas transversal e a aproximação com os alunos [...] será estratégia didática recomendada” (Moraes, 2011).

Na década de 1990, se iniciou um longo debate político educacional para a obrigatoriedade da sociologia na educação básica, a justificativa utilizada durante o debate para a não incorporação da sociologia era os gastos financeiros muito altos para isso e a falta de profissionais da área para a atuação escolar. O debate sobre a sociologia escolar no Brasil, muitas vezes teve dois lados, mesmo entre os cientistas sociais, exemplo são os artigos publicados na década de 1940 e 1950 depois da Reforma Capanema, já exemplificados aqui nos escritos de Costa Pinto e Antônio Candido. Os estudos sobre o ensino de sociologia são marcados pela participação nesse debate, com raras exceções.

A publicação das Orientações Curriculares do Ensino Médio – Sociologia em 2004 é marco importante nesse momento por um motivo bem óbvio, qual a necessidade de um documento oficial sobre ensino de Sociologia, sem ter Sociologia no currículo escolar? Esse documento gerou um parecer oficial (2006) que possibilitou, depois da intervenção do Conselho Nacional de Educação, a obrigatoriedade do ensino de Sociologia a partir de 2008.

Para Meucci (2015), a sociologia escolar no Brasil pode ser analisada da seguinte forma:

“A história da sociologia no Brasil com relação a educação básica, tem como destaque dois períodos, 1925 a 1942 e de 1990 até a atualidade, sobre três aspectos a) relação Estado sociedade; b) agentes que reivindicam sua institucionalização; c) condições de produção do conhecimento sociológico” (Meucci, 2015, p.251).

Essa organização nos permite compreender de forma detalhada a estrutura da sociologia escolar no Brasil. O primeiro período já descrevemos no início do capítulo, por isso, nesse momento nossa análise será do segundo momento, da década 1990 a atualidade. No hiato entre os dois períodos analisados, sua utilidade normativa foi

substituída na escola por Educação Moral e Cívica e Organização Social Política Brasileira (OSPB).

O retorno da sociologia no final do século XX início do século XXI a escola está relacionada ao fim da ditadura militar, na busca por desenvolver autonomia e cidadania, mas novamente vista como uma necessidade do Estado, mas agora de reafirmar valores democráticos. Mas foi necessário um longo debate que envolveu a formação da LDB 9394/96, proposta de leis, veto do presidente sociólogo e intervenção do Conselho Nacional de Educação. Isso relacionada também a busca pela escola como um direito de todos os cidadãos.

A escola em sua universalidade de público, tinha a Sociologia, e também a Filosofia, como símbolos, devido a sua possibilidade de interagir com sentidos e ações humanas relacionada também a busca de ampliar os horizontes do conhecimento e práticas escolares trazendo para o ambiente sujeitos, fatos e relações que por muito tempo foram esquecidas ou ignoradas. Sendo as Ciências Sociais importantíssima nesse processo. Tanto a sociologia escolar é símbolo desse processo democrático brasileiro que a crise das instituições democráticas brasileiras está diretamente vinculada ao ataque da posição e finalidade desse conhecimento nas escolas.

Algumas observações possíveis a partir dessa análise da sociologia escolar atual: a Sociologia é uma disciplina escolar nova; sua finalidade atual está relacionada as diferenças sociais e desigualdades no contexto da identidade e alteridade; a sociologia escolar deve ser entendida como uma forma de circulação do pensamento social, aproximando escola e universidade; tem desafiado as elites conservadores em um ambiente escolar universalista; os jovens não podem ser vistos apenas como recebedores de conhecimento e sim como atuantes na sociedade; e que a sociologia passa por ataques constantes por ser visto como símbolo do Estado contra o pensamento conservador.

Nessa interpretação mais contemporânea do papel da sociologia escolar, outros autores que ganham destaque em sua análise é Carniel e Bueno (2018), assim como Meucci (2015) a abordagem é da importância do estudo da sociologia como conhecimento válido para além da formação escolar dos jovens.

Carniel e Bueno (2018) percebem que ao refletir sobre as temáticas científicas pedagógicas relacionadas a atuação escolar, a sociologia ganha destaque, por ser

parte do seu campo de estudo, as perspectivas sociais e suas influências na contemporaneidade, com papel imprescindível para uma formação humanista, principalmente quando pensamos em uma formação para a cidadania e para a pluralidade.

Por isso mesmo, pode causar certos desconfortos para aqueles com um pensamento unilateral da sociedade. Isso está relacionado a falta de uma estabilidade da sociologia como parte dos componentes curriculares da escola e pelas possíveis críticas que uma ciência humana pode receber, devido as suas especificidades. A sociologia escolar tem muito para contribuir nesse debate.

Partindo da sociologia como conhecimento científico válido, as críticas partem principalmente das múltiplas interpretações sociais possíveis, algo difícil de relacionar aos conhecimentos produzidos pelas ciências exatas, por exemplo. Essa característica, vista como positiva pelas ciências sociais e pelas ciências humanas quase em sua totalidade, pode ser vista como um detrator na relação com outros conhecimentos científicos no espaço escolar científico. Assim, a sociologia necessita de um fazer público, uma atuação política social, vinculado a universidade, que se fechou dentro dos seus limites, o que desvalorizou a atuação de profissionais nas áreas de educação escolar.

Mas em alguns momentos, a sociologia ganha espaço de atuação na educação básica, relacionado a atuação de profissionais acadêmicos e seus interesses na influência de conhecimentos sociais na construção das políticas educacionais. Também é imperativo destacar a necessidade de interpretações das ciências sociais para fenômenos não reconhecidos imediatamente como dessa área do conhecimento, como energia nuclear e mudanças climáticas.

Assim é imperativo a proximidade do cientista social com a população em geral, algo relacionado a sociologia pública, como um:

“Compromisso ético com os usos e as recepções de suas pesquisas [...]. Nesse sentido, a noção de público aqui se refere ao relacionamento da sociologia com a vida política e à capacidade de a sociologia influenciar e transformar o mundo da vida” (Carniel e Bueno, 2018, p. 7 e 8).

A sociologia escolar seria um dos aspectos dessa sociologia pública, pois tem a possibilidade de disseminar e debater pensamentos sociológicos com indivíduos e grupos distantes do debate acadêmico. Em uma análise histórico social o ensino de sociologia teve funções e particularidades diferentes. Quando um pensamento mais plural ganha destaque, como no início do século XXI no Brasil, e minorias sociais ganham espaço de debate na busca pela efetivação de direitos, uma parcela da população se sente ameaçada em sua estabilidade conservadora. O ensino de sociologia está no centro dessa disputa política social educacional, por isso é utilizado por alguns grupos para reafirmar sua legitimidade de direitos enquanto outros o atacam como “partidário, incentivador ou mesmo doutrinário”.

Desta forma, importante ressaltar a importância da sociologia escolar como forma de sociologia pública, por atingir um grupo ainda não acadêmico e talvez pouco familiarizado as perspectivas sociais e como esse fato é importante para o fortalecimento de toda a ciências sociais.

O que podemos concluir desses diversos estudos e que não existe uma única interpretação sobre o papel e funções da sociologia escolar e que a sociologia dentro das escolas não está descolada dos próprios movimentos políticos e educacionais brasileiros, inclusive os relacionados a educação pública e privada. Mas que a sociologia em espaço escolar pode ser imprescindível para a própria função primordial da escola, fornecer aos jovens os conhecimentos necessários para conviver em sociedade.

Este debate também pode ser visto é analisado nas construções políticas da organização escolar, o estudo de leis de diretrizes e bases da educação nos fornece mais elementos para entender a sociologia em espaço escolar, sendo ele espaço escolar público ou privado.

2.2 LDB 4024/61

Na primeira lei de diretrizes e bases da educação (LDBEN), um debate entre a escola pública e privada ocorreu durante a sua tramitação em 1961, que se desenvolveu desde 1948. Os principais envolvidos foram a Associação Brasileira de

Educação e o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova² com debates relacionados a uma política de democratização dos saberes, de descentralização do ensino, e de uma escola básica e universidade como direitos do cidadão brasileiro no lado da educação pública; e no lado das escolas particulares se manifestaram o dep. Carlos Lacerda representando o Congresso Nacional de Estabelecimentos Particulares de Ensino, e os leigos intelectuais católicos com a intenção de recristianizar a nação, manter o ideário da pedagogia tradicional e conservadora. “Ocasão em que os católicos se organizaram, mais uma vez, a favor do ensino privado e os liberais defendiam o ensino público” (Brzezinski, 2010, p. 189).

Na realidade os debates entre a Escola Nova, representada por Anísio Teixeira, e o pensamento da pedagogia tradicional católica ocorrem desde a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932. Para a Comissão de produção do anteprojeto da LDBEN, a maioria dos seus integrantes eram apoiadores da Escola Nova, o que possibilitou um texto mais baseado em ideais renovadores, escrito este que sofreu algumas modificações pelo Ministério da Educação da época, por exemplo, com relação a atuação do Conselho Nacional de Educação subordinado ao ministério e não autônomo como pretendia o texto original.

O deputado Gustavo Capanema, ex-ministro da educação, cargo que ocupou durante 1934 a 1945, durante o governo Vargas, período da política brasileira marcado pelo controle do Estado, barra o projeto na Câmara de Deputados, afirmando que o texto produzido não era pedagógico e sim político, de tendência ideológica contra o pensamento político de Vargas. O projeto foi arquivado por vários anos.

O debate volta a ocorrer por volta de 1956, quando o Deputado Padre Fonseca e Silva acusa Anísio Teixeira, diretor do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) e atuante no Manifesto da Educação Nova e Almeida Júnior, relator do anteprojeto original da LDBEN, de serem contra os estabelecimentos confessionais de ensino, o que inicia um conflito entre os defensores da escola particular e a escola pública.

3 O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", de 1932, organizava um pensamento revolucionário na política educacional brasileira, defendendo a escola única, laica, obrigatória e gratuita, entre diversos intelectuais que assinaram o manifesto se destacam Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira.

A disputa se inicia no Primeiro Congresso Estadual de Educação Primária em São Paulo, onde Anísio Teixeira expos seus projetos em uma conferência nomeada como “A escola pública, universal e gratuita”. Nesse mesmo congresso foram refutadas ideias relacionadas ao ensino religioso. Almeida Júnior era presidente da comissão diretora do evento.

O que ocorre então são diversas acusações públicas e políticas contra A. Teixeira que passa ser chamado de comunista e o seu pensamento liberal pragmático de aproximação com o marxismo. A ABE (Associação Brasileira de Educação) se posiciona a favor de A. Teixeira e de seus pensamentos.

Então, é redigido e encaminhado à presidência da República, o Memorial dos Bispos que solicitava o afastamento de Teixeira do INEP. Em resposta um grupo de professores e intelectuais da época realizam um abaixo assinado em favor de Teixeira. O Presidente Juscelino Kubitschek o manteve no cargo. Nesse interim, o próprio A. Teixeira veio diversas vezes a público se defender das acusações, inclusive em cartas enviadas a própria igreja católica reiterando sua negação ao monopólio estatal na educação.

Apesar de rapidamente citado e pouco aprofundado na análise, esse debate nos possibilita perceber que havia uma disputa entre a escola pública e a privada, entre a educação laica e confessional, a educação universalista e a educação particularista.

Como descreveu Saviani:

“O que estava em causa era o que ele representava, e que estava resumido no título de sua conferência: a luta pela implementação e consolidação de uma escola verdadeiramente pública, universal e gratuita. E a Igreja sentiu-se ameaçada, pois interpretou que, universalizando-se a escola pública e gratuita, ela se estenderia a todos e atenderia a todas as necessidades educacionais da população. Não haveria, pois, espaço para outro tipo de escola. Penso residir aí a crença dos representantes da Igreja que identificavam a defesa da escola pública, mantida e administrada pelo Estado, como defesa do monopólio estatal do ensino. Daí a concluir que os defensores da escola pública eram adeptos do socialismo e do comunismo era apenas um passo. Passo que foi dado não somente rapidamente, mas

sofregamente, quando consideramos a virulência cega dos ataques (Saviani, 2011, p. 288).

Nesse caso o debate entre escola pública e particular, na interpretação da Igreja Católica, estava na manutenção do direito de educação confessional, na liberdade de ensino e atuação de destaque da família e da Igreja. Já em 1948, havia a aceitação da importância dos debates pedagógicos da Escola Nova, centradas nos alunos, nas instituições de educação particular católicas. Esse predomínio da pedagogia nova acelerou a renovação da pedagogia católica. Apesar do intenso debate político entre educação pública e privada na década de 1950, pedagogicamente já havia maiores aproximações entre as atuações das duas instituições.

No ponto de vista dos educadores que defendiam a escola pública o monopólio da educação estatal não era a principal pauta. Segundo Saviani (2011), existiam três correntes de pensamento na década de 1950, a liberal idealista com o foco no indivíduo autônomo; a liberal pragmática de A. Teixeira onde o indivíduo deveria entender a sua realidade social; e a socialista que buscava compreender a educação como fator de transformação social, está última defendida por Florestan Fernandes, um nome importantíssimo nos debates sobre educação.

Nesse contexto, em 1960, foi publicado o “Manifesto: Mais uma vez convocados”, influenciado pelos pioneiros da Escola Nova de 1932, redigido novamente por Fernando Azevedo e sendo assinado por Anísio Teixeira, esse documento veio reiterar a importância da escola pública, laica, obrigatória e gratuita. Os valores da pedagogia de renovação foram cada vez mais assimilados pela pedagogia católica que se via pressionada a levar em consideração novos pensamentos pedagógicos com o seu ideal de doutrina cristã católica. Novamente no pensamento de Saviani:

“Um significativo indicador da influência da concepção humanista moderna de filosofia de educação é encontrado no empenho das próprias escolas católicas [...] divulgam-se nos meios católicos as novas ideias pedagógicas. Surge, assim, na esteira do predomínio da concepção humanista moderna de educação, uma espécie de “Escola Nova Católica” (Saviani, 2011, p. 300).

O que ocorre então é que as escolas particulares católicas deveriam trabalhar com duas perspectivas, uma voltada a novas experiências pedagógicas, a outra relacionada com os pensamentos cristãos da Igreja romana. Podemos inclusive fazer um paralelo com a ideia de educação presente em Durkheim da educação relacionada aos valores sociais e políticos esperados pela sociedade e valores específicos de cada grupo a partir das suas necessidades. Os valores sociais e políticos esperados pela sociedade nesse momento estavam relacionadas as mudanças pedagógicas, já os valores específicos de cada grupo social, nesse caso, eram os pensamentos católicos de formação.

Também é perceptível que essa unificação entre ideais pedagógicos da Escola Nova e da doutrina católicos vão ser novamente adaptados em décadas futuras e colocados em prática em projetos educacionais como Movimento de Educação de Base e o Movimento Paulo Freire de Educação de Adultos. Depois dessa análise pedagógica do debate entre escola pública e privada, voltamos as questões políticas.

A LDBEN passou novamente por modificações e substitutos, até que foi colocado em plenária o substituto Carlos Lacerda em 1958, influenciado pelo III Congresso Nacional de Estabelecimentos Particulares de Ensino, que segundo seu autor: “seria uma forma de educação democrática e de liberdade, longe do totalitarismo do Estado”. Mas, em análise, podemos perceber que teria inclinações para a educação particular católica, pois: “no substitutivo Lacerda, o artigo 6º do Título III (“A liberdade de ensino”) procurou fixar em lei os dispositivos capazes de assegurar os direitos da família e dos particulares em receber e ofertar os préstimos educativos” (Montelvão, 2010, p. 33).

Anísio Teixeira se posicionou contra o substituto Lacerda em 1958, a qual configurou como anacrônico. Posteriormente, em perspectiva da própria LDBEN 61, homologado pelo ministro Darcy Ribeiro (outro nome importante para o debate educacional), observou como vitórias a descentralização e a orientação liberal do documento, apesar de estar longe das necessidades brasileiras.

Esses pontos, descentralização e a orientação liberal, são fatores também observáveis na LDB 9394/96, que também foram permeados pelo debate público e privado e buscaremos agora observar.

2.3 LDB 9394/96

A tramitação da LDB 9394 durou cerca de 8 anos; de 1988 a 1996; com a atuação de atores representados principalmente pelo Ministério da Educação e as escolas privadas laicas e o Fórum Nacional em Defesa da Educação Pública na LDB. Apesar desse intenso debate, na implementação na LDB é possível perceber um distanciamento da lei e a prática de ensino.

Durante a tramitação da LDB foi possível identificar dois modelos de educação, um mais relacionado as escolas públicas e outra para as escolas privadas. O modelo da escola pública era em defesa da educação pública, laica, gratuita para todos e de qualidade socialmente referenciada em todos os níveis de escolarização; para as escolas privadas estaria em debate a liberdade pedagógica, além do interesse econômico e do mercado relacionado a educação como uma forma de oferta de produto. No âmbito político, na tramitação da LDB 9394/96 também podem ser destacados dois momentos, um no Congresso Nacional e outro no Senado da República. No Congresso Nacional, ocorre um grande debate com diálogos abertos, com acordos partidários com ganhos para os dois lados; “o exercício democrático equilibrado entre os poderes constitutivos da República” (Brzezinski, 2010, p. 191).

Esse debate foi possível pela atuação dos grupos de educadores, intelectuais e sindicalistas representados pelo Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública (FNDEP), da Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino (Confenen) e da Associação de Educação Católica que estabeleceram discussões e diálogos com políticos e com a sociedade organizada. O momento era propício para debates, estava em processo a redemocratização do Brasil depois de mais de 20 anos de ditadura, inclusive nas questões educacionais.

A atuação do FNDEP foi em defesa da escola pública, se baseando em amplos debates, reivindicando o financiamento público e exclusivo para as instituições estatais, mantendo claro a divisão entre essas e as instituições privadas de educação. Seus debates também eram influenciados pela “Carta de Goiânia”, documento escrito por educadores presentes no IV Conferência Brasileira de Educação de 1986, que defendia a educação pública e que posteriormente serviria como mobilização e texto preliminar para a criação da LDB em seu conteúdo original em 1988. Assim, a atuação FNDEP em relação a divulgação da LDB e sua defesa política estava na concepção de Estado, sociedade e educação, na perspectiva da construção de uma educação pública, gratuita e universal.

Na Câmara de Deputados se destacaram alguns parlamentares, que em diálogo com FNDEP, defendiam os interesses da escola pública. Novamente a figura política de Florestan Fernandes e de destaque:

“O ensino público, gratuito e obrigatório, estipulando que o “ensino é dever do Poder Público, devendo ser prestado de forma gratuita em todos os níveis”. Fixa o limite desse ensino entre os seis e os dezesseis anos, incluindo na gratuidade o material escolar e a alimentação básica indispensáveis e estendendo a contribuição do Poder Público à manutenção de creches e de escolas maternas para menores de seis anos. Por outro lado, opõe-se à transferência de recursos públicos para as escolas privadas, limitando-se a manutenção de provimentos concedidos atualmente a fundações e associações sem fins lucrativos até dez anos após a promulgação da Carta Magna” (Discurso de Florestan proferido na Sessão da Assembleia Nacional Constituinte em 15-08-1987. In: Machado, 2012, p. 102).

Visto não apenas como um parlamentar com posição política clara, Florestan Fernandes interviu e se envolveu diretamente com as políticas educacionais, como havia ocorrido na década de 1950.

Depois de intensos debates, comissões, substitutos e contribuições o projeto é aceito na Câmara de Deputados em 1993. Apesar do documento manter características para a escola privada, os avanços para a escola pública eram perceptíveis pelos membros FNDEP.

Nesse mesmo tempo de debate, entrou na Câmara de Deputados, um outro projeto de LDB, influenciado pelo Ministério da Educação e pelo Senador Darcy Ribeiro, outro nome envolvido nos debates educacionais desde 1950/60.

“Destaca-se que, paralelamente à tramitação desse PL, em que o FNDEP, mobilizando forças progressistas, buscava democraticamente contribuir [...] o senador Darcy Ribeiro apresenta outro Projeto de Lei, [...] cujo conteúdo estava em contraposição ao projeto que tramitava na Câmara” (Boolmann e Aguiar, 2016, p. 416).

Entre algumas diferenças está a retirada da educação como direito universal de todos e colocando como um dever da família, antes do Estado. O problema que neste momento já estava no fim a magistratura de 1994, e devido a eleições do mesmo ano e a certa renovação nas Casas Legislativas o tramite da LDB ficou novamente parado. Até que pela atuação e intervenção do MEC o processo entra novamente em debate político. Assim, o projeto de LDB original com diversas contribuições, conhecido agora como Substituto Cid Saboia é rejeitado pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania presidida pelo Senador Darcy Ribeiro, mesmo depois de sua aprovação pela Comissão de Educação.

Esse movimento deu espaço para a análise de uma única LDB, a proposta pelo próprio Darcy Ribeiro. Organizada a partir de várias manobras regimentais, como o designo do próprio D. Ribeiro para relator da proposta e o apensamento da sua proposta de LDB a um projeto de lei sobre bolsas escolares de Florestan Fernandes.

Nesse período ocorre debates entre os dois políticos e pensadores das ciências sociais no Brasil, mas do que uma disputa entre indivíduos, esses debates entre Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes nos mostram as percepções diferentes de educação, e ainda mais, nos mostra as dificuldades presentes na tramitação de políticas públicas. Para demonstrar essa questão, usaremos dois artigos publicados no jornal Folha de São Paulo de abril de 1995, compilados por Lobo Neto (2010).

Florestan Fernandes inicia seu artigo público, intitulado “O senado e a educação” de 12 de abril de 1995, informando sobre a possibilidade da Câmara de Deputados aprovar a LDB proposta por Darcy Ribeiro de uma forma não recomendável. Isso ocorreu pela intervenção e manipulação política de Darcy Riberio que retirou o substituto Cid Saboia, incluiu a sua versão para o projeto de lei de forma conjunto a lei de bolsas de estudos propostas pelo mesmo Fernandes.

Afirmou que o parecer de Darcy Ribeiro sobre a causa foi de forma estranhamente criteriosa e que seu projeto de lei se mostra influenciado pelo Ministério da Educação, inclusive chamando Ribeiro de “caolho” e “empresário da educação”.

Em seguida, ocorre a crítica principal, de que a decisão de D. Ribeiro excluiu e ignorou todo o trabalho e participação dos grupos de educadores, inclusive do FNDEP. Demonstrando a sua prática política antiga de rejeitar o pensamento da

população e deixar as decisões apenas para os escolhidos eleitoralmente, o que levaria a uma lei vazia, ou seja, longe de ser efetiva para as reais necessidades da educação brasileira.

A resposta de Darcy Ribeiro veio no dia 23 de abril de 1995, em um artigo intitulado “Florestan Educador”. Seu texto se inicia, aparentemente de forma irônica, se colocando como amigo e colega de estudo de Florestan a mais de 50 anos e de que seria um leitor de sua obra, algo que não receberia recíproca.

Em seguida, Darcy Ribeiro crítica à atuação política de Florestan que, segundo ele “receberia influências de imbecis e de que não estava realmente preocupado com milhares de estudantes que passam por diversas dificuldades, e que entregaria a educação a aventureiros”. Citando a LDB aprovada anteriormente na Câmara e apoiada por Florestan, a coloca como uma consolidação da atual organização educacional que estaria defasada e que seria uma herança da ditadura militar.

Para concluir, descreve suas participações na educação brasileira, ignorados por Florestan, como ministro da Educação da LDB de 1961, de criador de cursos, escolas e universidades e que F. Fernandes não propôs nada em seus artigos públicos para debate.

Esse debate permaneceu tanto de forma pública como na tramitação da LDB, até que a LDB proposta por Darcy Ribeiro se torna a única em debate. Depois de transitar entre senadores e deputados a Lei de Diretrizes e Bases foi sancionada em 20/12/1996 pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. A aprovação da “LDB Darcy Ribeiro”, foi visto como uma forma de dar visibilidade aos interesses do governo em detrimento das vontades dos educadores da educação pública,

“Enfim, em sessão rápida, que durou no máximo duas horas, foi aprovado o projeto de LDB do governo (Darcy/MEC), contrariando e desprezando todo o trabalho de elaboração coletiva, historicamente realizado pela sociedade brasileira, representada, nesse momento histórico, pelo FNDEP” (Bollmann e Aguiar, 2016, p. 418).

Houve diversas manifestações contrárias a LDB proposta por D. Ribeiro, antes e depois da sua aprovação. O FNDEP se posicionou claramente nesse sentido por

entender que as novas diretrizes eram um reflexo do governo neoliberal e antidemocrático.

Algumas críticas estavam com relação a desconsideração ao debate prévio realizado, restrição ao direito universal a Educação até aos 14 anos de idade, a possibilidade do governo em intervir na educação por medidas provisórias e a exclusão do termo profissionais da educação para funcionários das escolas.

Outros pontos de descontentamentos estavam em fatores como os princípios e fins da educação, que demonstram, não só a sociedade em disputa em dois âmbitos, um público e o outro privado, mas também a concepção de Estado e das suas obrigações sociais, no caso com a educação pública, privada e laica.

Em nenhum dos textos prévios da LDB em debate pelo FNDEP e nas tramitações políticas foi suprimida a ideia de uma escola dual, ou seja, pública e particular, mas o que havia era a percepção clara das funções do Estado nessa relação, “assegurar igualdade de condições, de acesso e permanência na escola; a gestão democrática da educação escolar; a garantia de continuidade e permanência do processo educativo; o reconhecimento da experiência extraescolar” (Bollmann e Aguiar, 2016, p. 421).

A LDB 9394/96, segundo algumas análises aqui observadas, por ser uma lei de diretrizes e bases, aparece pouco clara com relação às funções públicas e gratuitas da educação, principalmente com relação ao ensino superior devido à descontinuidade da educação para níveis superiores, já que a educação básica se refere segundo a LDB para os Ensino Fundamental e Médio, possibilitando espaços para ensino a distância particular de baixa qualidade, pois existe pouca regulamentação a não ser as realizadas pelo mercado educacional e de conselhos de profissionais.

Depois dessa análise, importante destacar algumas diferenças entre o texto originalmente levado a debate político em 1988 e o aprovado pela LDB 9394/96. Segundo Machado (2013), podemos citar: a educação como direito e dever do Estado e da família passa a ser dever da família e depois do Estado; a escolha dos dirigentes das universidades, reitor e vice-reitor pela comunidade acadêmica passa a ser pela escolha do presidente da república; licenciatura plena como graduação mínima para

a atuação na educação básica passa a aceitar programas de complementação de formação pedagógica para a atuação na educação básica, entre outros.

Depois da sua tramitação a aplicação da LDB 9394/96 dependia de medidas provisórias, leis, decretos, resoluções e pareceres. Além disso, dependia das concessões dos movimentos sociais em favor do Estado, mas que estiveram alerta em defesa da escola pública. Isso pode ser representado com o processo de hegemonia do Estado em detrimento de um Fórum Nacional de Educação.

Entre os aditivos da LDB 9394/96 podemos citar: a Reforma Universitária, o ENADE como componente obrigatório curricular; o Prouni que combate a desigualdade social mas estimula o setor privado; a regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior; a Universidade Aberta do Brasil e a educação a distância com prioridade as licenciaturas, porém com baixa qualidade; a criação dos Institutos Federais de Educação; o Reuni, o Plano Nacional de Formação para o Magistério da Educação Básica, o Fundeb (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica) com expectativas de melhoria da carreira do professor, formação continuada e com estímulo a participação da comunidade que é um dos maiores recursos financeiros do Estado; Lei do piso nacional salarial; Acessibilidade e Libras; Ensino religioso; Plano Nacional de Educação; o Ensino da História e da Cultura afro-brasileira como uma luta do movimento negro; o Ensino de fundamental de nove anos e matrícula aos 6 anos como uma luta do movimento dos educadores; discriminar as categorias de trabalhadores profissionais da educação; entre outros.

Entre esses aditivos, também podemos citar é a Lei nº 11.684/08 que altera o art. 36 da Lei no 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

Com tudo isso podemos identificar que não foram abrandadas as contradições e as disputas entre o ensino público e o ensino privado no Brasil, mas houve desenvolvimento no campo educacional, ocasionado pela prática dos educadores.

Ao analisarmos a tramitação política de duas leis de diretrizes e bases da educação, com diferença de mais de 30 anos entre elas, podemos perceber algumas permanências e rupturas nas questões políticas e educacionais.

Nas questões políticas, os debates realizados pelas bases, no caso aqui dos educadores é ponto importantíssimo para pressão de uma agenda pública e de acompanhamento das tramitações, mas a aprovação das leis ainda passa muito mais pelos arranjos políticos governamentais, ou pelos interesses de parlamentares e do executivo. Mas a pressão popular é relevante para a implementação, como crítica, sugestão e fiscalização. Ficando muito claro que apesar das forças políticas governamentais serem preponderantes, a atuação e a opinião pública ainda influenciam nas políticas públicas. Outro ponto político a ser analisado nas duas LDB e a pressão da criação de uma lei para educação totalmente pura de forma ideológica, ambos os lados no debate acusam seus adversários políticos de produzirem textos mais ideológicos do que pedagógicos. O que possibilita uma indagação retórica, é possível produzir uma lei para educação sem a presença de um contexto ideológico como base? Talvez não.

Nos pontos educacionais, a educação dual, pública e privada é uma realidade. Para os defensores da educação pública e gratuita está só será plenamente democrática e cidadã quando o Estado tiver total controle dos processos educativos. Para aqueles que estão ao lado da educação particular a democracia está na pluralidade e liberdade educacional proporcionada pela iniciativa privada na educação. Pedagogicamente, poderíamos falar em parcerias público privadas, se realmente o interesse principal for a formação dos educandos em uma formação gratuita, laica com foco nas necessidades públicas sociais.

Nesse sentido, observando como imprescindível para a compreensão da educação analisar não somente a educação pública, mas também a privada, a educação em ambiente particular, mais precisamente o ensino de sociologia dentro desses ambientes.

3 ESTRUTURA DA SOCIOLOGIA NAS ESCOLAS MARISTAS DE CURITIBA

Depois de fazermos uma rápida análise da estrutura da sociologia na educação básica brasileira e buscarmos entender a relação entre público e privado na educação do Brasil, ficou evidente as relações políticas e pedagógicas que podem diferenciar a estrutura e organização desses ambientes de estudo, por isso se torna importante analisar o ensino de sociologia em um ambiente particular, assim, nesse capítulo a intenção é começar a observar e interpretar a estrutura do ensino de sociologia das Escolas Maristas.

A escolha das Escolas Maristas de Curitiba, no caso o Santa Maria e o Anjo da Guarda ocorreram pela consolidação desse grupo de ensino na educação particular, pelas características de ser uma instituição de ensino ligada à Igreja Católica e pela possibilidade de análise da atuação profissional ser facilitada pela presença dentro da instituição.

As escolas do Grupo Marista de ensino estão ligadas diretamente a ordem católica dos Irmãos Maristas, fundada em 1817, na França, e desde então está atuando na área de educação vinculado Igreja Católica. O Colégio Marista Santa Maria de Curitiba foi fundado em 1925, e hoje conta com cerca de três mil alunos, cerca de mil no ensino médio. O público alvo seria a classe média/alta, com a busca pela excelência educacional, muitas vezes representadas pela aprovação em exames de ingressos nas universidades. O Colégio Marista Anjo da Guarda, tem as mesmas expectativas e público alvo, mas a organização é diferente, pois busca a educação em período integral, e do momento da pesquisa contava, apenas com uma turma de ensino médio. A Escola Anjo da Guarda foi adquirida pelos Maristas, dentro da política de expansão do grupo.

A pesquisa ocorreu, principalmente, dentro da escola Santa Maria, pois o pesquisador é um dos professores de sociologia do colégio, isso possibilitou uma visão privilegiada das rotinas educacionais e a imersão no ambiente pesquisado. A análise será a partir dos seus documentos oficiais, com o auxílio de parte dos pensamentos sobre educação produzidos por Durkheim e Bourdieu.

Ao perceber a educação como uma forma de transmitir os conhecimentos para as novas gerações, Durkheim (2016) coloca a educação em um ponto central no processo de socialização. Em nosso período o conhecimento científico é o tipo de

informação primordial para essas novas gerações, mas inclusive isso é construído histórico e socialmente, já que a educação nunca teve um único foco ou fonte, por exemplo, nas sociedades da antiguidade clássica a educação era voltada para a construção de uma coletividade, atualmente buscamos a valorização dos indivíduos autônomos. O que ganha destaque é que em todas as sociedades existe a transmissão de ideias, sentimentos e práticas sociais que são consideradas importantes para essa sociedade.

O que podemos identificar, segundo Durkheim é que a educação seria uma das principais formas de socialização, por ter como finalidade incluir os indivíduos dentro da organização das outras instituições e relações. Assim a educação seria primordial para o funcionamento da própria sociedade, sendo condição fundamental da estrutura da sociedade, pois contrapõem ao individualismo e falta de percepção da coletividade.

Ainda segundo Durkheim, a finalidade da educação seria a socialização, formar seres sociais. Pois viver em sociedade, independentemente do tempo ou lugar, é construído a partir do conhecimento adquirido pela educação.

Na teoria educacional de Durkheim, educação e socialização se confundem, podem ser vistos como um aspecto único da formação dos jovens. Assim, para ocorrer à educação alguns pontos são necessários, sendo primordial a existência de dois grupos diversos e relacionados, um com experiência de vivência para transmitir conhecimento, e outra com a possibilidade para receber esses conhecimentos. Mas aqui surge uma análise interessante, pois a educação deve ser ao mesmo tempo “una e múltipla”. Única, pois tem a função de fornecer os conhecimentos básicos para os indivíduos em determinada sociedade, e múltipla porque também é da sua competência o desenvolvimento de conhecimentos e capacidades singulares.

Com isso podemos perceber que cada novo indivíduo que nasce precisa receber os conhecimentos acumulados e adquiridos pela sociedade, pois a própria existência da sociedade depende disso, pois o “o homem, de fato, é um homem porque vive em sociedade” (Durkheim, 2016, p.28). A própria estrutura social é dependente da educação que as novas gerações recebem. Na estrutura de uma organização social cada indivíduo recebe as informações para viver em um ambiente, as informações que os indivíduos recebem e a forma como esse assimila e reage a essas ações constrói a sociedade.

Com isso, podemos entender a educação como um fato social de grande influência em todos os contextos sociais, pois este se dá além da vontade do indivíduo, que se encontra imerso em um ambiente que vai além das suas escolhas, e se coloca de forma coercitiva sobre todos nessa sociedade, de forma geral. O próprio Durkheim relacionou educação com fato social:

“Pode-se, ainda, confirmar por experiência essa definição do fato social. Basta observar a maneira com que educamos as crianças. Quando olhamos os fatos sociais como eles são e tais como sempre foram, salta aos olhos que toda educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, sentir e de agir as quais ela não chegaria espontaneamente. Desde o início de sua vida, nós a coagimos a comer, beber e dormir em horários regulares; nós a constrangemos a limpeza, a calma, a obediência; mais tarde, nós a forçamos a aprender a levar os outros em conta, a respeitar os costumes, as convenções; nós a obrigamos ao trabalho etc.” (Durkheim, 2012, p.35).

Quando a educação é observada com tanta influência, seria importantíssima a participação das políticas de Estado para educação nessa construção, não somente na falta da família, mas como deve ser de interesse comum uma boa construção educacional o Estado deve intervir e orientar na busca por essa construção, na busca dos interesses comuns e coletivos em detrimento dos valores individualistas e egoístas. Mas, para isso ocorrer alguns cuidados devem ser observados, entre eles que as decisões educacionais do Estado devem refletir a forma organizacional da sociedade na busca de não permitir que a construção social de uma maioria seja mais relevante que das minorias, além disso, os valores democráticos e racionais científicos devem ser respeitados. Com isso, podemos assumir que na teoria de Durkheim:

“A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão maduras para a vida social. Tem por objeto suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais dela exigidos pela sociedade política, em seu conjunto e o meio especial ao qual é especificamente destinada” (Durkheim, 2016, p. 25).

Estamos entendendo que os “estados exigidos pela sociedade política” com relação a função da escola atual estão na interpretação científica e racional de mundo para auxiliar os jovens nas capacidades de atuar na vida pública como cidadãos, de se colocar e atuar no mercado de trabalho, de poder escolher a melhor forma de continuar sua carreira escolar acadêmica e também passarem pelo processo de socialização além do familiar, religioso e de outros ambientes.

No caso da segunda definição trazida por Durkheim, “meio especial ao qual é especificamente destinada” é que ganha destaque análises da escola particular, onde existe, por meio dos pais ou responsáveis possibilidade de escolha de qual tipo de educação escolar determinar para seus jovens.

Assim, partindo de educação como uma ação realizada de uma geração para outra em um processo de socialização que leva em consideração as características necessárias para convívio social comunitário de grande ou menor escala, e que a escola e o ensino de sociologia têm um papel de destaque nessa formação, quais as características principais do ensino de sociologia realizado em escolas particulares, como exemplo, nas escolas Maristas de Curitiba?

O objeto de estudo utilizado são as escolas do grupo Marista de educação, ligado ao catolicismo, em Curitiba. Com isso, o objeto de estudo se delimita em duas escolas do Grupo Marista, o Santa Maria e o Anjo da Guarda. Em 1925 foi criado o Colégio Marista Santa Maria, atualmente no bairro São Lourenço, atendendo mais de 3 mil alunos, em todos os níveis educacionais básicos. O Colégio Marista Anjo da Guarda é muito mais recente como parte do grupo Marista, pois já atuava na educação a mais tempo, tendo sua reinauguração como Marista em 2017, está situado no bairro de Santa Felicidade. As escolas são em bairros tradicionais de Curitiba.

As duas escolas apresentam publicamente como visão e valores de ensino a: “transmissão de valores como Presença, Interculturalidade, Espírito de Família, Amor ao Trabalho, Solidariedade, Simplicidade e Espiritualidade, a Educação Marista tem como objetivo principal contribuir para formar alunos protagonistas, com consciência crítica, éticos e solidários”. Como esses valores são colocados em prática é ponto de análise, além disso, como o ensino de sociologia se integra a esses valores e visões. Para essa análise é necessário refletir sobre a escola e o ensino de sociologia como um todo.

Segundo as Matrizes Curriculares da Educação Marista:

“Como componente curricular, a Sociologia assume o papel fundamental de pensar criticamente a sociedade, analisando as dinâmicas sociais, seus objetivos e motivações, entendendo como e por que as ações humanas ocorrem e como tais ações formam o todo da coletividade. A Sociologia busca também compreender a diversidade de ações, entendimentos e significados dados pelos homens ao mundo, o que denominamos diversidade cultural. (...) aos estudantes é fundamental perceber e apreender seu papel de agente transformador que, de modo autônomo e crítico, é capaz de compreender a dinâmica de transformação social, contribuindo para a construção de uma realidade mais justa e solidária. A consciência de que as mudanças sociais não ocorrem por acaso, sendo resultados de intencionalidades e da ação motivada do homem, leva o estudante à ruptura com a alienação social, marcada pelo determinismo de uma realidade ilusória e ideológica construída por grupos específicos da sociedade. Tal constatação permite ao estudante desenvolver a criticidade e autonomia intelectual, formando um sujeito que, marcado pelo senso de justiça, é capaz de compreender e respeitar a diversidade, promover a paz e defender os Direitos Humanos” (Matrizes Curriculares De Educação Básica do Brasil Marista – 2018, p. 40).

Dessa afirmação podemos interpretar que a sociologia, segundo a interpretação do grupo Marista deve agir de uma forma de desnaturalização e de estranhamento, conceitos utilizados na sociologia escolar brasileira para determinar a análise sociológica como algo que traria, aos jovens, mais elementos além da realidade observada e o senso comum para interpretar a sociedade.

Mas vai além, ao utilizar termos como “alienação social, marcada pelo determinismo de uma realidade ilusória e ideológica construída por grupos específicos da sociedade” ela passa a discutir com o próprio grupo social que está inserido. Partindo de que existe uma elite que constrói uma realidade específica, e o público alvo das escolas são essas elites, a sociologia estaria com a função de debater essa construção.

Ao realizar essa atribuição a sociologia poderia chegar a “desenvolver a criticidade e autonomia intelectual, (...) marcado pelo senso de justiça, é capaz de compreender e respeitar a diversidade, promover a paz e defender os Direitos Humanos”. A intenção da sociologia dentro do grupo Marista, segundo a suas próprias diretrizes e debater a própria estrutura das elites.

O material de orientação da sociologia nos Grupos Maristas, as Matrizes Curriculares de Educação Básica do Brasil Marista de 2018, determina o uso da imaginação sociológica³, como ferramenta importante para realizar a desnaturalização, o estranhamento e a percepção da relação entre indivíduo e sociedade, apesar de pouco explicar esses conceitos. Esses conceitos são importantes não só para a sociologia dentro das escolas Maristas, mas são caros para toda a construção da sociologia no Brasil. Outra orientação seria a de levar em consideração temas, conceitos e teorias na organização das práticas docentes, citando as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Ciências Humanas e suas tecnologias do MEC, em 2008.

Atualmente, este documento está em processo de revisão devido as mudanças da base nacional comum. Apresenta como conteúdos nucleares anuais para cada ano do ensino médio:

1º Ano: 1) O que torna possível a vida em sociedade? 2). Quais as repercussões da organização do trabalho na vida coletiva? 3). É possível caracterizar determinadas culturas como superiores a outras? 4). Como podem ser usados os artefatos tecnológicos para potencializar as múltiplas formas de expressão individuais/coletivas/grupais? 5) A educação pode mudar o mundo?

Nesse ano os estudos sociológicos são centrados no processo de socialização e na compreensão de elementos da cultura, também são debatidos elementos como identidade, racismo e construção de gênero. Na prática de sala de aula, realizada no Colégio Santa Maria, o tema relacionado ao trabalho é direcionado para o 2º ano.

Esses elementos podem ser vistos como centrais de uma formação em sociologia no Ensino Médio, mas os elementos particulares são a ausência de um estudo específico sobre os autores clássicos, normalmente Durkheim, Marx e Weber, que são citados em vários conteúdos e estudados em vários momentos, mas sem um momento ou conteúdo específico para isso.

Outra característica específica observada nos estudos está na busca em relacionar os estudos as práticas nas redes sociais utilizadas pelos educandos. Como

³ Teoria de Charles Wright Mills de interpretação das questões individuais com influência da organização social e do papel dos sociólogos de auxiliar a população nessa interpretação.

o ambiente virtual é um local comum para a grande maioria dos jovens da escola, existe a necessidade de vincular os estudos sociológicos a essa prática.

2º Ano: 1) Teoria Crítica da Indústria Cultural; 2) Cultura Tradicional, Cultura Erudita, Cultura de Massa, Cultura e identidade na Multiculturalidades; 3) A Sociedade do Espetáculo e Cybercultura; 4) Precarização do trabalho e escravidão moderna; 5) Estratificação Social, mobilidade social e classes sociais no capitalismo; 6) Desigualdade social X Violência; 7) Trabalho, Relações de Trabalho, Modos de Produção.

Nesse ano os estudos são com a relação ao trabalho, desigualdade social, sociedade do consumo, violência e direitos humanos. Na prática de trabalho, o conteúdo sobre cultura é transferido para o 1º ano.

Novamente, como destaque, está a busca de estabelecer uma relação entre as práticas da sociologia e o cotidiano em redes sociais dos alunos e a importância do debate sobre a sociedade de consumo dentro da realidade dos jovens.

Os temas relacionados a sociologia do trabalho são aqueles que os alunos apresentam maiores dificuldades, principalmente estudos relacionados a desemprego, construção social das relações de trabalho, além do debate sobre classes sociais e desigualdade social.

3º Ano: 1) Teorias do Estado; 2) Sociologia Contemporânea; 3) Sociologia Brasileira; 3) Juventude e participação política; 4) Democracia e Cidadania e Democracia no Brasil; 5) Movimentos sociais.

No caso da escola Santa Maria a dinâmica seria de “*terceirão*”, por isso o foco central é a política, mais a dinâmica é mais revisional, levando em consideração as provas e vestibulares que os estudantes vão realizar. A escola Anjo da Guarda não possuía 3º ano durante o período da pesquisa.

A maioria dos conteúdos relacionados a temas como Cultura, Trabalho e Política estão presentes e são os elementos principais da sociologia nas escolas Maristas estudadas. Depois de algumas análises dos conteúdos, a prática educacional nos mostra alguns pontos específicos da atuação nas Escolas Maristas, onde destacaremos dois pontos: a influência do pensamento cristão católico e a educação voltada para resultados.

Sobre a influência do pensamento cristão católico, na atual conjuntura política e social em que estamos, ela aumenta as possibilidades de estudo e campo de atuação da sociologia. Podemos citar como exemplo a necessidade de debate da Campanha da Fraternidade, organizada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Nos dois anos de pesquisa, os temas (2018 – Fraternidade e Superação da Violência, 2019 – Fraternidade e Políticas Públicas) foram utilizados em sala de aula pelos professores para discussões, textos, debates e análises dos conteúdos sociológicos. Assim, temas como a maioria penal, previdência e aposentadoria, trabalho doméstico, uso e posse de armas, racismo estrutural, violência contra mulher, entre diversos outros temas foram abordados em sala de aula, sem grandes preocupações dos professores e professoras devido a possibilidade de embasamento com a Campanha da Fraternidade. O tema de 2020 também traz possibilidades “Fraternidade e vida: dom e compromisso”.

Também sobre isso os Elementos *Interculturadores* do Grupo Marista fortalecem o componente de sociologia, esses elementos que estão relacionados a atuação da Igreja Católica na formação dos jovens, uma possibilidade de atingir o pensamento cultural na atualidade. Esses elementos são, segundo o documento do grupo Marista:

“Um conjunto de componentes interdependentes que julgamos ser prioritários para a dinamização da ação evangelizadora na cultura atual (...). Portanto, são respostas possíveis aos desafios que emergem na realidade de mundo e do nosso grupo Marista” (Diretrizes da Ação Evangelizadora, 2011, p. 45).

Alguns exemplos de Elementos *Interculturadores* mais utilizados em sala de aula: Alteridade, Dignidade Humana e Solidariedade. Uma prática comum dos professores era trazer esses elementos para apresentar um debate relacionado aos temas trabalho, identidade ou desigualdade social.

No caso da busca pelos resultados, ou seja, altos índices em exames como o ENEM e aprovação nos vestibulares mais concorridos. Dentro do grupo Marista o que se espera é a aprovação de todos os alunos do terceiro ano em universidades conceituadas, públicas e/ou particulares. Isso exige do professor algumas

características bem específicas, entre elas a justificativa científica e a produção utilitária, isto é, uma instrumentalização do conhecimento na busca por resultados.

A justificativa científica, não seria necessariamente um problema, mas um cuidado que os professores têm, de demonstrar a importância do tema e de que aquele tema deve ser abordado de forma científica. Além disso, a importância de demonstrar diversos pensamento científicos sobre o mesmo assunto. Deixando claro que a sociologia escolar não deve construir opiniões prontas nem formatadas, e sim desenvolver interpretações e pesquisas, e que as pesquisas podem apresentar resultados analíticos diferentes quando se muda as variáveis. Mas existe o cuidado para não se tornar todo pensamento relativo, por exemplo, ao estudar classes sociais no Brasil, é claro que existe desigualdade social, mas os critérios de análise para determinar as classes sociais mudam segundo a linha de pesquisa.

A produção utilitária, está relacionada às características a preparação para exames e vestibulares. Por exemplo, a prova trimestral com valor avaliativo de 4,0 pontos, é realizada pelo Grupo Marista, com a análise e sugestão prévia dos professores, sendo uma avaliação em estrutura idêntica aos vestibulares. Também, no trimestre os alunos realizam simulado de prova, com valor 1,0. Isto determina que metade da nota dos alunos vem em avaliações preparatórias com pouca influência dos professores.

Mas o principal, acredito devido análise realizada e atuação profissional dentro desse ambiente de ensino, está no auxílio que a sociologia pode realizar na produção das redações dos estudantes. Um dos principais desejos da Escola Santa Maria, é melhorar seus índices com relação ao desempenho nas redações. Isso pode ser visto, de forma bem pragmática, como o diferencial da sociologia no Ensino Médio.

A sociologia escolar fornece o conhecimento necessário para a construção de redações como intencionalidade, a intertextualidade e a informação. Durante o ano de 2019 os professores de sociologia solicitaram aos seus alunos textos sobre: identidade juvenil, racismo estrutural, globalização, violência contra a mulher, políticas públicas, desigualdade e violência, movimentos sociais, entre outros temas. Isso possibilita um fortalecimento da sociologia como conhecimento válido e prático nas escolas.

Todas essas análises nos remetem a outro autor importante da Sociologia da Educação, Pierre Bourdieu, que em parceria com Jean-Claude Passeron, produziu a obra “A Distinção” que abordaria, entre outros temas, as características das escolas

da França dos meados do século XX. Seu debate destaca como a escola que era vista como republicana, mas por meios de suas práticas, acaba destacando o privilégio social como mérito pessoal ou mesmo dom inato. Destacaremos alguns trechos dessa obra que possibilitam uma melhor compreensão do ensino em escolas particulares.

Parte dessa obra dedica-se a entender estudantes das elites da sociedade, algo que está muito próximo a realidade das escolas Maristas de Curitiba. A maior parte dos alunos são de famílias oriundas das classes superiores, com os pais profissionais liberais, empresários ou funcionários públicos de alto escalão. Como é determinado por Bourdieu e Passeron:

“Definindo chances, condições de vida ou de trabalho totalmente diferentes, a origem social é, de todos os determinantes, o único que estende sua influência a todos os domínios e a todos os níveis da experiência dos estudantes e primeiramente as condições de existência. O habitat e o tipo de vida quotidiana que eles estão associados, o montante de recursos e a sua repartição entre os diferentes postos orçamentários, a intensidade e a modalidade do sentimento dependência, variável segundo a origem dos recursos, como a natureza da experiência e os valores associados a sua aquisição, dependem diretamente e fortemente da origem social ao mesmo tempo que substituem sua eficácia” (Bourdieu e Passeron, 2018, p. 25).

Isso nos leva a entender que a principal influência sobre a situação escolar seria condição social do estudante, não só a questão econômica, mas também a familiar, cultural, religiosa e educacional. As condições sociais dos estudantes de classe altas e a forma como este observa a educação influencia diretamente na forma como a instituição escolar se estrutura. Por consequente, a sociologia e seu ensino também precisam levar isso em consideração. Os contatos culturais, sociais e de experiência vivida ou histórica da família dos estudantes os colocam em situação privilegiada com relação a escola e ao sucesso acadêmico. As escolas Maristas de Curitiba, recebe em sua maioria, jovens com diversas experiências culturais, com uma situação financeira confortável e com pais familiarizados com o processo educacional e com a própria escola, “usuários do ensino, os estudantes também são seu produto e não há categoria social na qual as condutas e as aptidões apresentadas levem com tanta intensidade a marca das aquisições passadas” (Bourdieu e Passeron, 2018, p. 29).

Algo bem relevante que se coloca para essa análise é a possibilidade de os jovens chegarem a universidade, se para os jovens de classes inferiores o que existe é um processo de eliminação, para os estudantes de classes superiores e um processo normal, até mesmo automático, “segundo os meios sociais, uma imagem dos estudos superiores como futuro impossível, possível ou normal, tornando-se por sua vez um determinante das vocações escolares” (Bourdieu e Passeron, 2018, p. 17). A ideia de estar na universidade em sequência ao término do ensino médio é visto dentro das escolas estudadas como uma simples continuidade dos estudos.

Para muitos, a expectativa é em qual ou quantas universidades vai ser aprovado, não se vai estar na universidade, e existem universidades de maior prestígio, particulares e públicas, “pode-se esperar que a hierarquia das instituições de ensino á monopolização das mais distintas pelos mais favorecidos” (Bourdieu e Passeron, 2018, p.22). Em muitos casos, nas instituições estudadas, existe a preferência pelas instituições particulares de ensino superior, demonstrado pela divulgação ampla e pública dos aprovados nos vestibulares, antes mesmo do resultado da primeira fase da UFPR. Claro, muitos alunos cursam e buscam a universidade pública, mas não é exclusividade. Os motivos para isso não foram levantados por essa pesquisa, pois isso fugiria do tema central, mas os indícios estão relacionados a questões familiares de influência nas decisões dentro da universidade, tradição familiar, despreocupação com o valor financeiro e descrédito, segundo alguns, da universidade pública.

Os cursos preferidos são também aqueles mais concorridos, direito, medicina e engenharia como destaque; por influência familiar, muitos dos pais têm essas profissões, outros vem nesses cursos prestígio social, nos remetendo novamente a análise realizada por Bourdieu e Passeron, que quando maior a classe social maior a influência familiar em detrimento da influência escolar:

“Pode-se reconhecer um outro indicio da influência do meio familiar no fato de que a parcela de estudantes que diz ter seguido o conselho de sua família para a escolha de uma seção na primeira ou na segunda parte do bacharelado cresce ao mesmo tempo que se eleva a origem social, ainda que o papel do professor decresça paralelamente” (Bourdieu e Passeron, 2018, p. 31).

Assim, reafirmando a lógica de que as universidades e cursos de maior prestígio são ocupados pelos mais favorecidos. Mas isso não pode ser explicado como mérito pessoal ou apenas propensão aos estudos, isso é um fator do meio social e cultural. Para exemplificar essa afirmação, alguns casos retirados das escolas particulares estudadas. A disciplina de inglês não é oferecida no horário regular das aulas pela manhã, em seu lugar é oferecido a língua estrangeira espanhol. O motivo disso é que a maioria dos jovens que estão matriculados no ensino médio já possuem habilitação ou mesmo fluência na língua inglesa, abrindo espaço para outro idioma. Vários alunos têm como experiência de vida viagens ao exterior, sendo os Estados Unidos, local preferido de muitos. Aqueles poucos que necessitam do inglês fazem no contra turno.

Sobre essas viagens, ganha destaque outra análise, a influência do meio cultural, sendo comum encontrar alunos que conhecem outros países como Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Qatar, entre diversos outros, criando hábitos de visita a museus e locais culturais em geral. Também um número grande de alunos pratica e conhece música clássica e popular. Ganha destaque também os alunos que praticam esportes de alto rendimento, além daqueles que realizam esportes como atividade física regular, o que nos remete a interpretação de que:

“Os estudantes mais favorecidos não devem somente ao seu meio de origem hábitos, treinamentos e atitudes aplicáveis diretamente as suas tarefas escolares; eles também herdam saberes e um saber-fazer, gostos e um bom gosto cuja rentabilidade escolar, por ser indireta, é ainda mais certa” (Bourdieu e Passeron, 2018, p. 34).

A instrução cultural ocorre no meio familiar ou na rede de contato que cada um desses alunos possui. Não cabe a escola a orientação cultural, ela apenas é complementar. Descrevo aqui uma experiência profissional vivida, não com alunos do ensino médio de sociologia, mas com alunos de história do fundamental II, ou seja, crianças com cerca de 11 anos. Foi organizada uma visita ao Museu Egípcio da Rosa Cruz, aqui em Curitiba, nesse museu a imensa maioria das peças são de réplicas, e durante a explicação do monitor ele citava o local de origem, Louvre em Paris ou Museu Britânico em Londres, por exemplo, em todas as peças algum aluno ou aluna citava que conhecia o local ou mesmo já havia visto a original, “Nos meios mais ‘cultos’ é talvez menos necessário pregar a devoção à cultura ou tomar, deliberadamente, nas

mãos a iniciação à prática cultural” (Bourdieu e Passeron, 2018, p. 37). Esse pequeno acontecimento nos mostra como o contato cultural pode ser um privilégio social.

Isso nos encaminha para outra interpretação, o sucesso escolar e por consequente acesso à universidade está mais próximo desses jovens de classes altas, pois os saberes necessários para isso fazem parte do seu cotidiano, ou seja, a escrita, a oratória, a leitura, o raciocínio lógico matemático, apenas para citar alguns “estados exigidos pela sociedade política” nos termos de Durkheim. Os valores culturais e científicos que a escola prega são os valores adquiridos por esse grupo de indivíduos, e isso ocorre em uma prática cotidiana, rotineira para esses jovens. As práticas e fazeres da escola não está fora da realidade desses jovens, pelo contrário:

“Todo o ensino, e mais particularmente o ensino de cultura (mesmo científica), pressupõe implicitamente um corpo de saberes, de saber-fazer e sobretudo de saber-dizer, que constitui o patrimônio das classes cultas. (...) Repetir que o conteúdo do ensino tradicional distancia a realidade de tudo o que ele transmite é ocultar que o sentimento da irrealidade é muito desigualmente experimentado pelos estudantes de diferentes meios”. (Bourdieu e Passeron, 2018, p. 39).

Para imensa maioria da população conseguir desenvolver esses valores é um imenso esforço, e mesmo com toda a dedicação se mostra inalcançável. Para outros, como o caso das elites e da maioria dos jovens das escolas particulares analisadas, isso é uma herança, algo que vem pelo seu cotidiano. Não que isso determine o sucesso escolar, mais auxilia, lhes posiciona um ou dois passos na frente. Essa discussão se torna interessante, porque nos ajuda a pensar a política de cotas, que muitos dos alunos apresentam dificuldade de entender, assim como tem dificuldade para pensar a temática do trabalho e da desigualdade social.

Isso nos remete para a uma das ideias levantadas nesse capítulo, o debate sobre o dom e o mérito. As camadas superiores da sociedade, incluindo muitos jovens e famílias membros de escolas particulares de elite, defendem a meritocracia como forma justa de determinar o sucesso escolar ou acadêmico. Mas esse mérito nada tem a haver com esforço, dedicação, nem mesmo preparação, pois para alguns jovens alcançar níveis escolares e culturais foi necessário muito mais esforço, dedicação e preparação. Em outras palavras, para um aluno de baixa renda ser aprovado nos

vestibulares ele tem muito mais mérito do que um aluno de classes superiores. O enriquecimento ou ser uma pessoa “bem-sucedida na vida” passa por esse mesmo processo, não é o trabalho e a dedicação que determinam, isto é, “o peso da hereditariedade cultural é tão grande que nele pode encerrar-se de maneira exclusiva sem ter necessidade de excluir, pois tudo se passa como se somente fossem excluídos os que se excluem (Bourdieu e Passeron, 2018, p. 45).

Para melhor compreender essa situação, vamos refletir sobre o conteúdo da sociologia escolar “trabalho”, o que os alunos apresentam maior dificuldade entre os assuntos da sociologia transmitido na escola. Para a maioria desses jovens trabalho é o tema mais distante da sua realidade, a maioria terá um contato direto com o mercado de trabalho depois da universidade, em empresas, escritórios ou clínicas da própria família. Ainda mais, para muitos a pobreza é resultado da preguiça ou do não querer se esforçar para atingir seus objetivos das classes mais baixas. Para entender um pouco melhor essa e outras condições, no próximo capítulo buscaremos analisar a prática da sociologia escolar em escolas particulares, pelo ponto de vista de alunos e professores de sociologia.

4 ATUAÇÃO DOS INDIVÍDUOS (PROFESSORES DE SOCIOLOGIA E ESTUDANTES) E SUA RELAÇÃO COM A SOCIOLOGIA ESCOLAR

Para melhor compreender a Sociologia dentro das escolas particulares do grupo Marista é imperativo analisar os pensamentos dos indivíduos diretamente relacionados a ela, ou seja, os professores e estudantes de sociologia, para tanto foi necessário ouvi-los e permitir que estes descrevessem suas percepções. Acreditando que para uma observação sociológica realmente interessante a percepção deve ocorrer dos indivíduos, para a sociedade, retorna aos indivíduos em um ciclo.

Para desenvolver um pouco melhor a intenção aqui utilizaremos os estudos de Norbert Elias, em sua obra: *A sociedade dos Indivíduos*, pois “os seres humanos individuais ligam-se uns aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade” (Elias, 1994, p. 8).

A sociologia escolar, não pode ser compreendida de forma abstrata, apenas observando documentos e materiais didáticos, é imperativo perceber a sua prática, o que professores e alunos de sociologia, pensam e agem a partir dos conhecimentos recebidos e produzidos. Para buscar acessar a interpretação dos indivíduos, ou seja, estudantes, professores e professoras de sociologia, usamos um questionário com os primeiros e entrevistas com os segundos. Além do próprio contato com o ambiente e pessoas ligadas as escolas analisadas. Nisso que a sociedade dos indivíduos nos auxilia, pois, a construção social ocorre a partir da relação dos indivíduos com o meio, e o meio novamente influenciando os indivíduos.

Segundo Elias (1994), com o crescimento populacional e as modificações nas organizações sociais de sociedades simples para sociedades mais complexas, se tornou uma obrigação a autonomia dos indivíduos, isto é, o número enorme de opções apresentadas ao indivíduo o obriga a tomar diversas decisões na sua vida. Essa transformação social está além da vontade dos indivíduos em sociedades complexas. A construção de indivíduos autônomos, mas em constante relação uns com outros, leva cada vez mais a necessidade de um controle das suas emoções e ações.

A partir desse ponto, da necessidade do controle de suas emoções e vontades com relação ao convívio social, quanto maior a necessidade do controle maior a diferença do comportamento infantil ou juvenil do comportamento esperado do adulto. Essa formação ou preparo ocorre principalmente nas escolas, afastando os jovens do

contato com os adultos, criando uma imensa expectativa sobre a vida adulta, por exemplo, relacionado a atividades profissionais, que dificilmente se tornarão concretas. Da mesma forma suas práticas e interesses na juventude, na grande maioria dos casos, deve ser interrompida na vida adulta. Devido a isso, pode haver uma maior dificuldade para o adulto “conseguir atingir um equilíbrio adequado entre as inclinações pessoais, o autocontrole e os deveres sociais” (Elias, pag. 105, 1994).

Isso nos remete a pensar como essa estrutura de pensamento ocorre. Antes do século XVII podíamos dizer que a havia uma compreensão de separação entre humanidade e natureza onde o controle dos indivíduos se dava pelo contato muito próximo com outros indivíduos. Aqui é possível um paralelo com a teoria de solidariedade mecânica de Durkheim, mas agora, em sociedades urbanas, industriais e populosas, como em uma solidariedade orgânica para Durkheim, com as forças da natureza desvendadas pelas ciências, a maior possibilidade de isolamento e a cobrança por autonomia e autocontrole os seres humanos buscam outro movimento de separação, com a sociedade, o mundo externo, “na metafísica popular - e até erudita – de nossa era, a ‘sociedade’ é comumente apresentada como aquilo que impede as pessoas de desfrutarem uma vida ‘natural ou autêntica’”(Elias, 1994, p. 107). O que também ocorre no interior da sociedade que estamos inseridos, a capitalista, com relação a mercadoria. Um exemplo disso está no eterno conflito da escolha, pois o mundo é de oportunidades perdidas e de persistência para atingir objetivos maiores, o que pode causar a sensação que a sociedade está contra o indivíduo.

Em sociedades simples (mecânicas) o poder de decisão dos indivíduos é menor pois as possibilidades são poucas, assim poucas alternativas, é menor a sensação de frustração, de oportunidades perdidas, de incompletude. As mudanças históricas sociais possibilitaram o crescimento populacional e maiores diferenciações nas relações entre os indivíduos a partir da sua função e atividade especializada, e quanto mais aumentava essas relações maior é a possibilidade de visão ampla da sociedade, possibilitando uma maior individualidade, ou seja:

“A transformação social e mental de grupos relativamente pequenos, que agem de maneira relativamente imediatista, com necessidades simples e uma satisfação incerta dessas necessidades, em grupos mais populosos,

com uma divisão mais nítida das funções, um controle mais intenso do comportamento, necessidades mais complexas e diversificadas, e um aparato mais altamente desenvolvido de coordenação ou governo” (Elias, 1994, p.113).

Com isso, apesar de haver mais possibilidades de escolhas isso causa maior nível de frustração, ainda mais por existir uma relação direta entre possibilidades de escolha e origem social, escolarização e talento nem sempre percebido pelos indivíduos. O que devemos compreender também que essa rede de relações históricos sociais tendem a aumentar cada vez mais com as especializações da vida social contemporânea, com o maior controle da natureza e o aperfeiçoamento do conhecimento científico, chegando ao ponto de ser a relação entre controle da natureza, controle social e o autocontrole ser primordial para entender as questões sociais.

Assim, o que seria o processo de individualização social, a forma como cada um de nós busca adaptar suas ações, interações e pensamentos dentro de uma relação social múltipla e em diversas situações diferentes. Isso ocorre pelos mais variados motivos (trabalho, família, escola, etc.) e sentimentos (amor, medo, etc.) e ao autocontrole desenvolvido a partir do convívio social. Também é socialmente construído que em sociedades amplas atuais que o indivíduo deve conseguir alguma forma de destaque, alguma forma de diferenciar-se de forma individual na multidão que é a sociedade. Além disso, essa busca pelo destaque individual em sociedades complexas é inclusive vista como algo “natural” e até mesmo necessário, uma sociedade de competição, de cada um por si e a sociedade contra todos, mas é importante lembrar que o destaque só existe com relação ao outro, você se destaca se estiver em sociedade.

Essa sensação, dentro da sociedade capitalista que estamos inseridos, ocorre devido ao número extremamente pequeno de indivíduos que conseguem atingir esse patamar de destaque e do incentivo que ocorre dentro da própria sociedade para esse comportamento, inclusive na escola, as crianças e jovens são incentivados a buscar glórias e honrarias individuais com destaque a sua força, inteligência e astúcia, e que isso é um referencial de sucesso. O que determina também que existem campos ou áreas onde é interessante se destacar e outros que devem ser evitados a distinção, o

que determina o que é vantajoso ou causa desvantagem são as relações sociais, um jovem que ganha destaque entre os seus pares por ser reconhecidamente violento, pode ser visto com um adulto descontrolado e perigoso, isto obviamente é uma construção social em um tempo e espaço específico. Um soldado romano ou um cavaleiro medieval receberia honrarias por agir com violência enquanto um membro de gangue atualmente é considerado uma párea.

Tudo isso nos demonstra a dificuldade em se adaptar as normas de comportamento da sociedade, a pequena possibilidade de destaque social, de se “realizar na vida” e a “discrepância dentro da sociedade, do desencontro entre a orientação social do esforço individual e as possibilidades sociais de consumá-los” (Elias, 1994, p.121).

A separação entre sociedade e indivíduo está presente em esferas políticas, econômicas, culturais e educacionais. Existe um conflito entre o individualismo e o coletivismo, a vontade de se destacar e de pertencer, tudo dentro de uma mesma situação. Isso é possível se observarmos a relação indivíduo sociedade de uma forma que segundo Elias:

“Independência e dependência, de necessidade e capacidade de decidir sozinho, por um lado, e de impossibilidade de decidir sozinho, por outro, de responsabilidade por si e obediência ao Estado pode produzir tensões consideráveis. Lado a lado com o desejo de ser alguém por si, ao qual a sociedade dos outros se opõe como algo externo e obstrutivo, frequentemente existe o desejo de estar inteiramente inserido na sociedade. A necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte” (Elias, 1994, p. 124).

Tendo isso em mente, como os jovens estudantes de sociologia no Ensino Médio interpretam esse conhecimento, como influenciam e são influenciados por esta forma de interpretação da realidade? Dentro do ambiente escolar os professores “entregam” o conhecimento científico da sociologia interpretados a partir dos seus conhecimentos e vivências, os estudantes “recebem”, reinterpretam a partir dos seus conhecimentos e vivências, e reproduzem o que assimilaram do processo.

Podemos assim analisar o pensamento dos jovens e suas percepções sobre a escola, sociedade e sociologia, realizando um paralelo entre o comportamento juvenil estudantil e o componente curricular da sociologia em um questionário aplicado a 287 alunos do Ensino Médio da Escola Marista Santa Maria. A escolha do questionário ocorreu devido a intenção e a necessidade de se analisar um número maior de respostas e em um menor período, além disso o questionário aplicado de forma anônima possibilita uma maior liberdade de posicionamento para alunos, já que eles são meus alunos de sociologia. As principais respostas dadas foram:

Primeiramente, sobre a importância da sociologia para formação escolar, a imensa maioria, 207 estudantes dos 287 que responderam o questionário observam que a Sociologia é importante para sua formação escolar. Um número bastante grande de estudantes verifica o estudo da sociologia como importante. Como essa importância se manifesta, analisamos da seguinte forma.

Cerca de 221 dos estudantes veem na sociologia uma utilidade prática direta, nas provas de vestibulares ou ENEM, diretamente relacionado a melhora da argumentação e interpretação de textos. Isso se mostra claro quando 224 dos estudantes afirmam que a sociologia possibilita uma melhora na sua argumentação escrita, isto é, a sociologia pode contribuir muito para a construção de textos e redações. Aqui, aparece a questão da individualização em detrimento do coletivo, um reflexo da sociedade capitalista onde estamos inseridos. Além disso, pode parecer um pensamento utilitarista, ou mesmo reducionista do papel da sociologia em ambiente escolar, mas pode ser uma forma de fortalecer o conhecimento sociológico nas redes de Ensino, particulares e públicas.

Sobre a utilidade da sociologia como conhecimento válido para a atuação em sociedade, está formada por indivíduos, os números são um pouco diferentes, mas ainda demonstram a importância das ciências sociais em âmbito escolar. Um total de 191 alunos descreve que a sociologia possibilitaria entender melhor as atitudes e pensamentos das pessoas próximas (família, amigos, conhecidos), 213 estudantes afirmam que a sociologia permitiria entender melhor os "outros", isto é, pessoas que são "diferentes socialmente" (classe, sexo, idade, raça e religião, entre outros), e 155 alunos determinam que a sociologia permite entender melhor quem eu sou.

Isso nos fornece elementos de análise que possibilitam afirmar que para muitos alunos dentro do ambiente escolar estudado a sociologia é um estudo que vai além da sala de aula, das provas e avaliações, os estudantes colocam um sentido

mais amplo na sociologia. Apesar de que a sociologia, segundo a interpretação dos alunos, ter uma utilidade maior em observar e compreender ou outro e não a si mesmo em uma relação com social.

Entre os conteúdos escolares da sociologia a maioria dos alunos entrevistados, 113 dos 287 que responderam o questionário preferem estudar assuntos relacionados a cultura, seguido por política com 97 estudantes. Mas o destaque está pelo baixíssimo interesse nos estudos sobre trabalho, apenas 33 assinalaram o tema como de seu interesse. Isso pode ser explicado pela relação com o tema que os estudantes dessa classe social têm, já que trabalho realmente não é uma preocupação para maioria desses jovens.

Essas interpretações realizadas pelos alunos podem ser mais bem compreendidas a partir das entrevistas com as professoras de sociologia das escolas Maristas estudadas. A escolha pela entrevista aqui se deu pela possibilidade de adquirir o máximo possível de informação dessas profissionais, além da possibilidade de entrevistar todos os profissionais de sociologia das duas escolas, uma professora do Anjo da Guarda, única de sociologia na escola no período da pesquisa, e uma professora do Santa Maria. O colégio possuía dois professores de sociologia na data da pesquisa. A entrevistada e o pesquisador.

A entrevista com as professoras de Sociologia das escolas Maristas de Curitiba foi dividida em três blocos: a) Conteúdos da Sociologia; b) Características do ensino de sociologia em escolas particulares; e c) Relação da sociologia com o ambiente escolar Marista. Vale destacar que ambas as profissionais entrevistadas possuíam formação na área, além de cursos complementares e muitos anos de experiências.

Sobre o primeiro bloco de questões, Conteúdos da sociologia, ganha destaque os temas relacionados a cultura como juventudes, gênero e preconceito racial. Temas de estudo da política também são vistos como importantes. Mas os temas relacionados ao trabalho são de maior dificuldade. Muito relacionado a proximidade do conteúdo com as vivências dos jovens e suas interpretações da realidade.

Partindo do conhecimento, interesses e experiências do jovem, quanto mais distante das suas experiências mais difícil o conteúdo se torna. Por isso as dificuldades de por exemplo, trabalhar racismo em turmas de uma totalidade de brancos; discutir desemprego em uma sala de jovens oriundos de famílias de empresários e profissionais liberais; estudar pobreza e desigualdade social em jovens de classe social mais alta.

Temas culturais, segundo as entrevistas são mais próximos dos jovens por isso, os estudantes se tornam mais receptivos ao conhecimento, mas isso não retira os momentos de contestação e debate. Também, os temas sobre políticas são assuntos pertinentes para o período:

“Cultura a gente trabalha com identidade e gênero, os alunos são fascinados pela temática, embora, polemizam bastante, mas eles se encantam com essa possibilidade de discutir sexualidade, as marcas de gênero... Temática de esquerda e direita, principalmente esse ano, sempre se interessam, mas eu percebo que a temática, trabalho e política, e bem mais denso para eles, porque também entra uma gama maior de autores, mas os alunos se mostram bastante interessados, principalmente na temática de políticas públicas. O segredo, me parece, que é a identidade do jovem, temas bem próximos do universo jovem, que estejam no cotidiano deles”. (Professora de Sociologia Marista Santa Maria 2018).

No caso dos estudos sobre trabalho a dificuldade está relacionada a realidade dos estudantes, a sua grande maioria relaciona o trabalho como um tema pouco pertinente, trabalho como uma atividade prática que está muito distante da sua realidade e o que é visto como trabalho está relacionado a continuação da vida acadêmica, na universidade:

“Com relação ao trabalho, é uma coisa até engraçada, na construção do conceito de trabalho, pois pra eles trabalho é uma coisa simples, que qualquer um faz e pode fazer, o trabalho não é um conceito da sociologia, um conceito da história, então quando falamos disso, eles tem muita dificuldade de assimilar os conceitos, e eles acreditam que sempre vai ser trabalhado na perspectiva marxista, até eu início por ele, mas aí você já está escolhendo uma perspectiva teórica que vai elencar para o resto da sua vida, eu tenho que falar pra eles que não, que existem outras formas. Eles têm bastante dificuldade de entender essa linha globalizante do trabalho... ‘Você sempre falou da questão do trabalho, e a gente sempre pensou que quem trabalhasse não era pobre’ aí eu falei: ‘Gente, não dá. Vou dar aula de novo, não é bem assim como vocês entenderam’. Então é muito difícil... Para eles é muito complicado, porque eles são de uma classe social muito elevada, e eles não tem “contato” com pessoas mais simples, as pessoas os servem, mas eles

não sabem quem são”. (Professora de Sociologia Marista Anjo da Guarda, 2018)

Sobre as características do ensino de sociologia nas escolas Maristas, aparece como destaque a ideia de fortalecer o ensino científico da sociologia em debate com o senso comum, mas com uma formação escolar que leve em consideração o nível acadêmico do aluno:

“A gente sempre se preocupou é de fazer uma sociologia escolar, e não acadêmica, essa transposição tem que sempre fazer, então, não é trabalhar com o componente em sua estrutura acadêmica, e sim, pensar um componente que seja uma ferramenta para interpretar, no caso da sociologia, a sociedade. A gente não parte do trabalho com autores, a gente parte da realidade, e a partir dessa realidade apresenta para os alunos alguns autores, alguns pensadores que pensaram sobre aquele tema e chegaram a algumas conclusões, até porque a nossa grande preocupação é diferenciar, falar da sociedade e fazer um estudo sociológico, o nosso grande desafio é esse, mostrar para o aluno que falar de sociedade, não é necessariamente fazer um estudo sociológico”. (Professora de Sociologia Marista Santa Maria 2018).

A organização das aulas de sociologia passa pela realidade e interpretação de mundo dos educandos, aqui visto como senso comum, e a partir disso ocorre a orientação dos estudos sociológicos, com autores, temas e conceitos. Também os cuidados ao lidar com um grupo social específico da sociedade:

“Acho que essa é a chave para termos uma sociologia escolar que também encanta os alunos e não os agrida, porque, durante algum tempo, toda vez que a gente falava de luta de classes, por trabalhar em uma escola com um universo extremamente elitizado, o aluno se entendia como elite, como a crítica fosse a ele; são majoritariamente brancos, então falar de racismo parece uma acusação a eles; os meninos quando a gente fala em machismo; é fundamental a compreensão da ferramenta, como a sociologia chega, como eu estou apresentando aquela ideia, como você chegou a ela, isso é fundamental... O cuidado com o tratamento das temáticas, compreender a

realidade a qual você está” (Professora de Sociologia Marista Santa Maria 2018).

A interpretação possível passa pelos cuidados de realizar uma aula de sociologia bem planejada e com os conhecimentos para saber trazer temas e conceitos complexos que possibilitem uma análise da sociedade. O complexo do trabalho de todo professor de sociologia está no “encantar e não agredir”.

Outro ponto está no caráter prático e utilitarista da sociologia dentro da escola particular, a aprovação em vestibulares e o auxílio na produção textual, não esquecendo a sua importância como conhecimento científico válido para a sociedade, mas buscando os interesses dos alunos, familiares e instituição:

“A sociologia ganha esse caráter mais agora, que a federal colocou cinco questões na sua prova, e mesmo no ENEM e a produção de texto, a sociologia é *super* importante para melhorar seus argumentos de texto, a gente usou isso também para que o aluno entendesse minimamente a necessidade da sociologia dentro da escola, porque toda disciplina que começa precisa se consolidar a gente usou essas ferramentas, vai me ajudar melhor o contexto em que a gente vive, mas também vai me ajudar a passar no vestibular, que significa mercado de trabalho favorável”. (Professora de Sociologia Marista Santa Maria 2018).

Agora, sobre a relação da sociologia dentro do Grupo Marista, ganha destaque como os documentos produzidos pela própria instituição, atualmente, fortalecem a atuação do Componente Curricular, possibilitando uma atuação institucional de certos debates, pois os temas considerados polêmicos fazem parte do planejamento:

“Os elementos *inculturadores*, que é uma preocupação de trazer a cultura cristã também para o universo das discussões, por exemplo, dignidade humana nas discussões de trabalho. Existe uma preocupação de demonstrar que existe um diferencial da maneira Marista de discutir as temáticas sociais, quando você pensa inclusão, redução da maioria penal, que o Instituto (Marista) se coloca contra. A gente traz essa marca. A escola busca estar alinhado com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), com a cobrança

que a própria UFPR faz com relação a gênero, enfim, não é um problema. Eu acho que é um facilitador, como a sociologia tem esse referencial teórico, eu não falo por mim, eu falo em nome de alguns autores, de algumas pesquisas, eu apresento resultados de alguns dados, acho que é muito mais fácil apresentar uma temática. (Professora de Sociologia Marista Santa Maria 2018).

Mas isso não impede situações de conflitos e dificuldades, por exemplo, relacionado a meritocracia construída pelo senso comum, que são difíceis de gerir com apenas uma aula por semana:

“Eles acham que quando as pessoas não são iguais a elas e por que elas não querem, existe muito essa coisa de meritocracia presente dentro deles, então temos que tomar muito cuidado, e em cada dia temos que fazer alguma coisinha relacionado a isso para eles; e sociologia é uma aula por semana, você tem um agravante aí”. (Professora de Sociologia, Marista Anjo da Guarda, 2018).

O que podemos destacar é que a sociologia afeta os estudantes das Escolas Maristas de Curitiba, e que sim é um conhecimento científico válido e importante para os jovens que o recebem, que fica muito claro na frase da professora de sociologia do Marista Santa Maria:

“A Sociologia aqui ‘ou você ama, ou você odeia’, não dá para dizer que a sociologia ‘da nada’. Eu percebo que ela transcende, para modificar comportamento, não sei, mas para incomodar e desnaturalizar, isso eu tenho certeza que ela está fazendo o papel dela” (Professora de Sociologia Marista Santa Maria 2018).

5 CONCLUSÃO

Os questionamentos principais levantados pela pesquisa seria como a sociologia estaria presente em escolas particulares e como consegue contribuir para a melhor compreensão do mundo dos educandos por eles próprios? Além de como a sociologia contribui para a formação dos jovens em uma interpretação que possibilite a busca por transformações e não apenas como reprodutor de uma estrutura determinada?

Antes de buscar debater essas questões, importante perceber que o ensino de sociologia em escola particular está vinculado a esse longo processo de implementação das ciências sociais dentro da educação básica, muitas vezes sendo necessário a regulamentação legal da sua validade e importância para a sua inclusão nas escolas, além disso podemos concluir desses diversos estudos e que não existe uma única interpretação sobre o papel da escola e funções da sociologia escolar e que a sociologia dentro das escolas não está descolada dos próprios movimentos políticos e educacionais brasileiros, inclusive os relacionados a educação pública e privada. Mas o que podemos afirmar é que a sociologia em espaço escolar é imprescindível para a própria função primordial da escola, fornecer aos jovens os conhecimentos necessários para conviver em sociedade.

A análise da sociologia em um ambiente escolar particular, no caso específico do objeto de estudo, as escolas do grupo Marista de Curitiba Santa Maria e Anjo da Guarda trouxe algumas reflexões, que consideramos relevantes para a percepção do ensino de sociologia, que buscaremos debater em seguida:

- A importância prática da sociologia escolar na argumentação e interpretação de textos;
- A influência de elementos religiosos, no caso cristãos católicos, nas possibilidades de atuação da sociologia;
- As reflexões relacionadas ao tema trabalho sendo considerada de menor importância;
- Aulas de sociologia voltadas a um público de elite econômica, social e política.

Primeiro elemento de destaque é utilitarista, uma implicação prática para a sociologia em ambiente escolar particular seria para a produção textual dos alunos. Isso não fica explícito nos documentos e planos de aulas, mas sim na prática de sala

de aula e na compreensão da sociologia pelos alunos. A sociologia possibilita uma melhor interpretação de textos, pois essa prática é constante nos estudos e avaliações, mas principalmente possibilita uma melhora significativa na escrita de textos, não na sua gramática e ortografia, apesar de poder contribuir nisso também, mas na sua argumentação.

A argumentação é constante nas aulas de sociologia, ao apresentar dois pontos teóricos e analíticos diferentes sobre o mesmo assunto o professor ou professora de sociologia demonstra que é possível ter pensamentos divergentes, desde que possua elementos científicos e analíticos para isso. As produções textuais são constantes como exercícios avaliativos para a sociologia, sempre tendo como critérios desse processo de avaliação a argumentação científica e analítica.

Também é comum a sociologia servir como apoio a produções textuais de Língua Portuguesa, trazendo autores, textos, ideias e reflexos que auxiliam na argumentação dos alunos em uma parceria bem proveitosa, tanto para estudantes como para a escola.

Os benefícios da sociologia escolar para a produção de textos dos jovens pode ser um elemento a ser utilizado pelos professores e professoras de sociologia nas suas práticas profissionais com os estudantes, como fortalecimento do conhecimento sociológico entre profissionais da educação de outras áreas e até mesmo como argumento para sua importância em debates com gestores da educação. Essa pesquisa consegue identificar a sua importância, mensurar esse desenvolvimento são para pesquisas futuras.

Outro ponto a destacar é a influência de pensamentos e movimentos cristãos católicos dentro da sociologia ministrada nos Colégios Maristas estudados. Em quase nenhum momento da pesquisa pensamentos mais conservadores ou divergentes entre religião e ciência entraram em conflito dentro das aulas de sociologia. A exceção fica para temas como sexualidade ou aborto, mas, acredito que essa dificuldade não seja uma característica única de escolas particulares católicas.

Se poucos conflitos ficam registrados, o inverso ganha destaque, o uso de pensamentos ou movimentos religiosos para justificar um estudo científico sociológico. Documentos como os Elementos *Interculturadores* do Grupo Marista ou Valores Maristas são utilizados para fortalecer temas e justificar avaliações. A

Campanha da Fraternidade, organizada pela CNBB, é um grande exemplo disso. O tema da campanha em 2019 foi Políticas Públicas, assim, por diversas vezes o estudo desse tema fortaleceu e justificou pesquisas sobre leis trabalhistas, violência contra a mulher, uso e posse de armas e redução da maioridade penal vinculados aos conteúdos trabalho, gênero, violência e juventude respectivamente, além é claro do tema políticas públicas dentro do conteúdo relativo a política. Em 2020 o tema da campanha será Fraternidade e Vida, que deverá discutir o valor da vida, tema que poderá ser novamente utilizado pela sociologia.

O que ocorre não é uma sociologia próxima dos valores religiosos católicos, mas o uso inteligente de certos recursos para justificar estudos que muitas vezes recebe críticas ou mesmo desvalorização por parte da sociedade. Ao vincular os estudos sociológicos escolares aos documentos oficiais produzidos pela mantenedora religiosa da instituição escolar ocorre um fortalecimento desse conhecimento, não tanto para os estudantes, mas para a comunidade, principalmente aos pais e responsáveis desses jovens.

Além desses dois pontos comentados acima, outro fator que ganhou destaque está nos estudos sobre o tema trabalho, que é pouco valorizado pelos jovens e o que eles apresentam maior dificuldades. Algumas razões para isso podem ser analisadas pelas próprias características sociais do público da escola. Trabalho e seus estudos, como desemprego, exploração da força de trabalho e classes sociais, por exemplo, não está nas suas principais preocupações. Para muitos o ato de trabalhar é algo que está distante da sua perspectiva, muitos desses jovens vão entrar para o mercado de trabalho daqui a cinco, dez anos, em negócios familiares ou com o auxílio da família para encontrar esse primeiro emprego. Para muitos o trabalho é algo tão simples que não precisaria de estudo.

Mas eles percebem que existe diferença entre o trabalho desempenhado pelos seus pais do trabalho desempenhado pelos funcionários da família. Muitos desses jovens têm dificuldade de entender a produção da riqueza, e ainda existe o pensamento de quem é pobre é porque não trabalha, e não trabalha porque não quer. Mesmos temas que chamam atenção dos estudantes da escola, como consumismo e indústria cultural esbarra na realidade observada. Para muitos desses jovens é inconcebível uma pessoa da sua idade que não frequente o cinema ou que mantenha a sua vida e da sua família com um salário mínimo, por exemplo.

O último elemento que merece destaque é o cuidado necessário para se produzir e ministrar aulas para jovens de uma elite econômica social e política. Não que para jovens das camadas populares os cuidados não são importantes, mas os cuidados são outros. A preparação das aulas e os cuidados com a metodologia são necessários sempre em uma atuação profissional consciente da sua importância e relevância.

Ao estudar racismo estrutural com jovens que na sua imensa maioria são brancos são necessários certos cuidados, da mesma forma ao estudar a exploração da força de trabalho em um ambiente com jovens de famílias de empresários. Estes são apenas dois exemplos de situações que a sociologia em ambiente de escola particular de elite enfrenta. As possibilidades sempre estão vinculadas ao conhecimento científico produzido sobre o assunto, fatos e dados históricos, sociais, econômicos e políticos que demonstrem a interpretação possível da sociedade e as discussões sociológicas presentes sobre o tema. Tudo passa por uma aula bem preparada e ministrada.

O cuidado maior está em não pessoalizar a fala ou o discurso, ou transformar a sala de aula em um palanque de discussão social. Para melhor explicar esse cuidado, que não deve ser unicamente em ambientes de escolas particulares de elite, buscaremos Weber, que em seu texto “Ciência como Vocação” nos possibilita reflexões:

“Nós podemos assim, se entendermos nossa causa, o que deve ser colocado aqui como pressuposto, compelir o indivíduo, ou pelo menos ajudá-lo a prestar contas assim mesmo sobre o sentido último de seus próprios atos. (...) o dever de proporcionar clareza e sentimento de responsabilidade. E acredito que ele [o professor] será capaz desse feito tanto mais cedo quanto mais for capaz de evitar, numa atitude conscienciosa, impor ao ouvinte uma tomada de posição ou pretender suggestioná-lo a assumi-la”. (Weber, 2013, p. 425).

O que estamos tentando esclarecer que para os conhecimentos da sociologia escolar passarem por uma reflexão dos alunos eles não devem ser impostos como uma única visão, e necessário o cuidado de construir o conhecimento de forma

coletiva e demonstrar a construção científica do conhecimento. O professor não deve afirmar, já em uma primeira aula, que existe um racismo estrutural no Brasil, apenas para citar um caso, deve demonstrar pesquisas e fatos científicos que comprovem essa interpretação e permitir a análise dos estudantes.

Além de algumas conclusões, a pesquisa também nos trouxe diversos questionamentos, possibilidades de análises e comparações futuras. Acredito ser importante dialogar com algumas delas:

- Em escolas particulares de mesmo nível social, mas não confessionais, os resultados analíticos seriam os mesmos?
- Há diferença entre uma Sociologia escolar particular e pública? Essa diferença está apenas nos métodos, ou temas e conteúdos também são diferenciados.
- A sociologia seria uma forma real de possibilitar a construção da empatia entre grupos diversos na sociedade?

Toda a pesquisa se debruçou sobre uma escola particular de classe média/alta confessional, ou seja, vinculado ao pensamento religioso, no caso católico. Ao aplicarmos o mesmo questionário aos estudantes de outra escola particular de mesmo nível social as respostas serão semelhantes? Os professores dessas mesmas escolas teriam interpretações semelhantes da sociologia escolar? Como se estrutura a sociologia sem os elementos religiosos? Quais suas principais semelhanças e diferenças?

Dúvidas parecidas surgem ao compararmos a sociologia escolar em ambiente particular dos ambientes públicos. Seria possível comparar o estudo da sociologia em um ambiente de elite social com o estudo em uma escola pública? Entre uma escola particular de elite e uma escola pública de periferia os abismos seriam completos, ou haveria semelhanças?

Por último, a função da sociologia escolar poderia estar vinculada a empatia social? As possibilidades de conhecer outras pessoas e outras realidades poderiam abrir espaço para ampliação da empatia social? Jovens de uma escola de elite que compreenderam e se interessaram pela sociologia tem maior possibilidade de compreender o outro?

Esses são algumas sugestões de análises que essa pesquisa não buscou responder, mas permite dialogar e refletir sobre o tema da sociologia escolar.

REFERÊNCIAS

- BOLLMANN, M. G. N.; AGUIAR, L. C. LDB: projetos em disputa: Da tramitação à aprovação em 1996. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 19, p. 407 a 428, jul. / dez. 2016.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora UFSC, p. 15 a 46, 2018.
- BRZEZINSKI, I. Tramitação e desdobramentos da LDB/1996: Embates entre projetos antagônicos de sociedade e de educação. **Revista: Trabalho, Educação e Saúde**, vol. 8, núm. 2, p. 185-206, jul. / out. 2010.
- CÂNDIDO, A. "Sociologia: ensino e estudo". **Sociologia**. vol. XI, n. 3, p. 275 a 289, setembro de 1949.
- COSTA PINTO, L. A. "Ensino da sociologia nas escolas secundárias". **Sociologia**. vol. XI, n. 3, p. 291 a 308, setembro de 1949.
- CARNIEL, F.; BUENO, Z. P. O ensino de sociologia e seus públicos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.28, (on-line), 2018.
- DURKHEIM, É. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Editora Edipro, p. 17 a 40, 2016.
- DURKHEIM, É. **Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Editora Edipro, p. 31 a 40, 2012.
- ELIAS, N. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994.
- FERNANDES, F. O Ensino da sociologia na escola secundária brasileira. **Anais: I Congresso Brasileiro de Sociologia**, São Paulo, 1954.
- LOBO NETO, F. J. S. Há quinze anos, sobre a LDB: Dois intelectuais em duas posições. **Revista Trabalho necessário**. Ano 8, volume 11. Editora UFF. 2010.
- MACHADO, O. L. **Educação e constituinte de 1988: a participação popular nos quadros da democracia da nova república e a reflexão de Florestan Fernandes**. Frutal-MG: Editora Prospectiva, p. 102 a 132, 2012.

MARISTA, **Matrizes Curriculares De Educação Básica do Brasil Marista**. Editora FTD, São Paulo. 2018.

MARISTA, **Diretrizes da Ação Evangelizadora**. Editora FTD, São Paulo. 2011.

MONTALVÃO, S. A LDB de 1961: apontamentos para uma história política da educação. **Revista Mosaico**, Vol. 2, N. 3, p. 21 a 39, 2010.

MEUCCI, S. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n.3, p. 251 a 260, set/dez, 2015.

MORAES, A. Ensino de sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cad. Cedes**, Campina, v.31, n. 85, p. 359 a 382, set/dez, 2011.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Editora Autores Associados, p. 277 a 307, 2011.

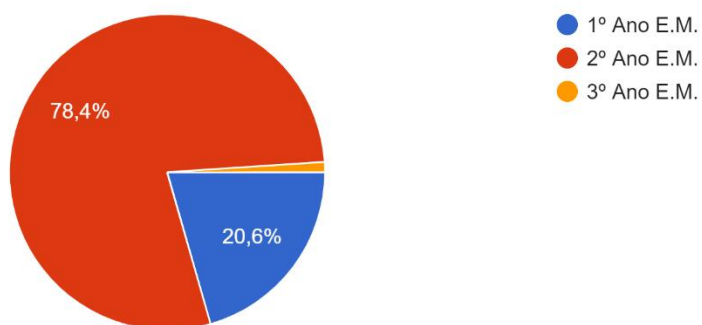
SILVA, I. F. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal, v. 8, n. 2, p. 403 a 427, jul/dez, 2007.

WEBER, M. Ciência como vocação. **Essencial Sociologia**. Companhia das Letras, São Paulo, p. 392 a 431, 2013.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DE SOCIOLOGIA DO COLÉGIO MARISTA SANTA MARIA / 2019

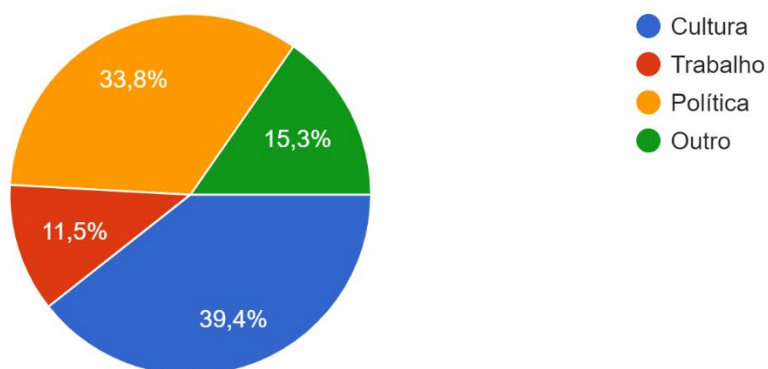
Que ano você está em 2019?

287 respostas



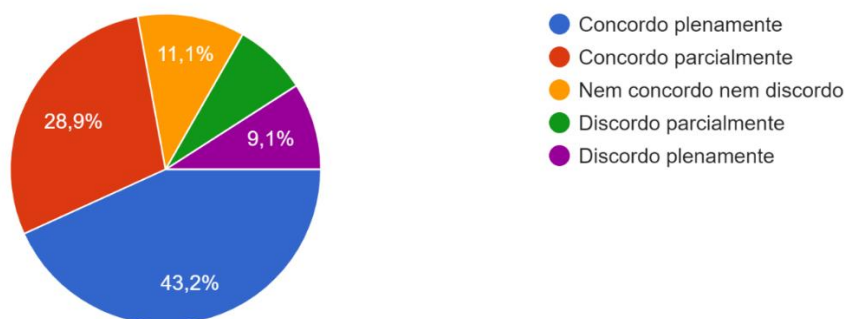
Entre os conteúdos da Sociologia escolar, qual mais me interessa?

287 respostas



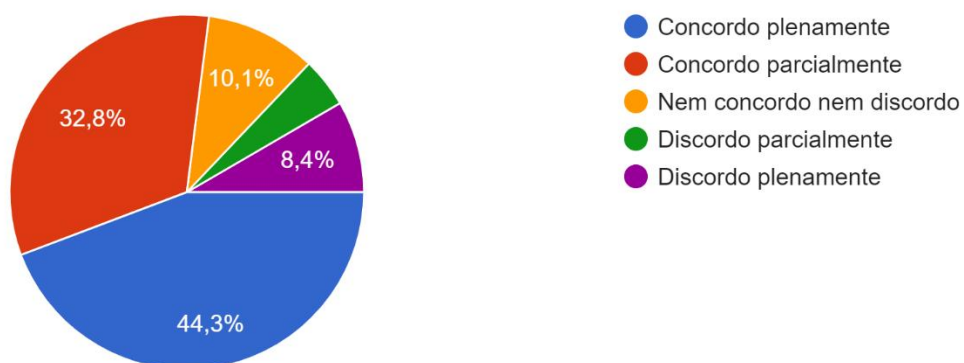
A Sociologia é importante para minha formação escolar?

287 respostas



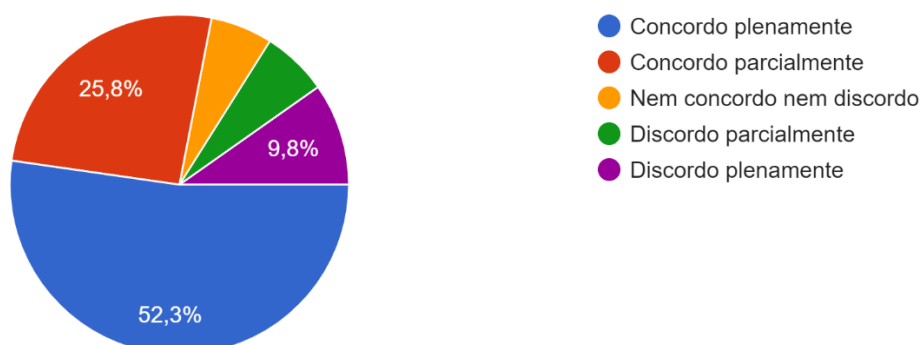
A Sociologia vai ser útil para provas como o vestibular?

287 respostas



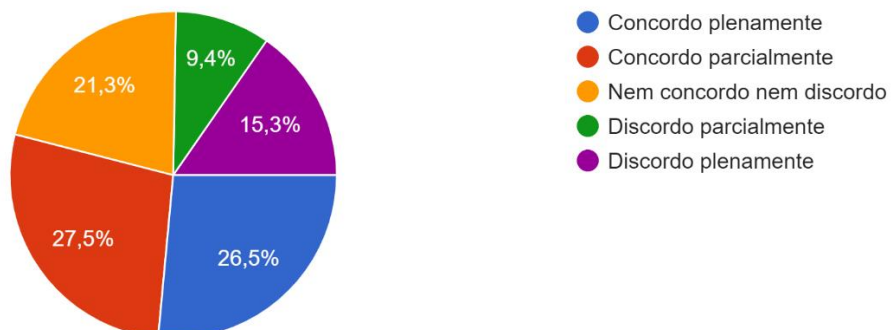
Sociologia é importante para desenvolver a minha argumentação (escrita e fala)?

287 respostas



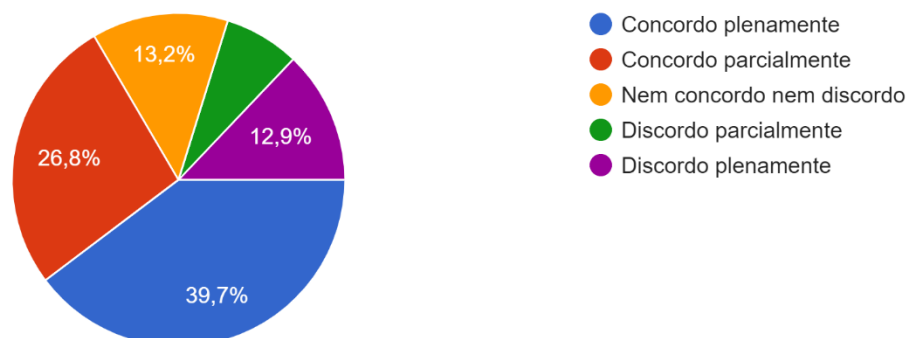
A Sociologia permite entender melhor quem eu sou?

287 respostas



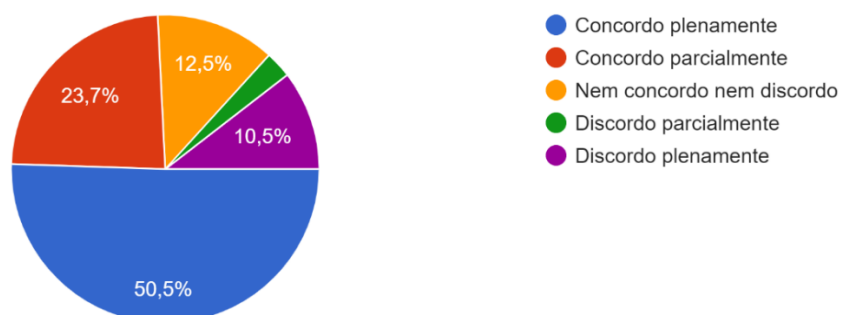
Sociologia me possibilita entender melhor as atitudes e pensamentos das pessoas próximas (família, amigos, conhecidos)?

287 respostas



Sociologia me permitir entender melhor os "outros", isto é, pessoas que são "diferentes socialmente" (classe, sexo, idade, raça e religião, entre outros) ?

287 respostas



ANEXO B – ENTREVISTA COM PROFESSORAS DE SOCIOLOGIA

B.1) Entrevista professora - Santa Maria:

1) Formação. Tempo de profissão. Tempo dentro do grupo marista:

Eu tenho licenciatura em ciências sociais pela UFPR, migrei do curso de ciências econômicas, também fiz o curso de serviço social na PUC (Pr.), mas não cheguei a concluir, me formei em 2001. Fiz pós-graduação em Ensino Religioso, e também no Direitos das Crianças e Adolescentes pela PUC (Pr.).

Tempo de profissão, já sou aposentada, no grupo Marista eu tenho 28 anos, atuação em sala de aula são 30 anos, mas não todo esse tempo com o E.M., minha história aqui dentro se deu com o Ens. Infantil, já fui coordenadora da educação infantil, trabalhei com o fund. I e II, até que consolidei só no E.M. com a Sociologia, até porque era um período de implementação da Sociologia aqui dentro do colégio, a escola oferecia mas não havia um professor especialista, o professor de história tinha que assumir a aula de Sociologia também, foi esse momento que eu peguei do processo de formação e consolidação da Sociologia, não só aqui dentro do Santa Maria, mas do grupo Marista, participei da escrita da Matriz curricular, participei da escrita do material que a gente usa hoje, como consultora do SME (Sistema Marista de Educação), e atuando em sala de aula.

Com a Sociologia são 10 anos de atuação dentro do Grupo, já estava em curso da implementação da sociologia, o Colégio já oferecia a Sociologia a 2 anos quando eu peguei, quem dava aula de Sociologia era o Sandro (Professor de história, atual coordenador do 9º ano e E.M.).

2) Como ocorre o ensino (metodologia, temas, conceitos e autores) dos seguintes temas:

A) Cultura; B) Trabalho; C) Política

A gente sempre se preocupou é de fazer uma sociologia escolar, e não acadêmica, essa transposição tem que sempre fazer, então, não é trabalhar com o componente em sua estrutura acadêmica, e sim, pensar um componente que seja uma ferramenta para interpretar, no caso da sociologia, a sociedade. A gente não parte do trabalho com autores, a gente parte da realidade, e a partir dessa realidade

apresenta para os alunos alguns autores, alguns pensadores que pensaram sobre aquele tema e chegaram a algumas conclusões, até porque a nossa grande preocupação é diferenciar, falar da sociedade e fazer um estudo sociológico, o nosso grande desafio é esse, mostrar para o aluno que falar de sociedade, não é necessariamente fazer um estudo sociológico.

Quando ele olha para a sociedade ele já parte daquilo que ele já sabe, do senso comum, do conhecimento da realidade que ele vive, da verdade dele, aí a gente começa a investigar que se essa realidade é um padrão em outros grupos, se ela se repete, se ela se reproduz. Basicamente essa é a metodologia que a gente usa, embora o material apresente os autores clássicos da Sociologia, gente também traz autores contemporâneos, com vários estudos, com vários artigos que tenham temáticas atuais, artigos que a universidade tem lançado.

A gente divide assim, 1º série ela aborda os aspectos antropológicos, pois embora seja sociologia a gente trabalha com a proposta trazida pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a gente trabalha mais com a cultura, a construção da identidade individual, a construção da identidade coletiva, aquilo que marca a construção das identidades, a gente trabalha mais na 1º série, autores como Durkheim, o fato social, são conceitos que o aluno começa a tomar contato; Trabalho e política, a gente trabalha com a ciência e a política econômica, mas na 2º série, autores como Weber e Marx, dialogam mais intensamente com os alunos na 2º série; a 3º série já é um revisional, a gente faz uma retomada ampliando esses conceitos. Basicamente, de uma forma bem simplista, é isso que a gente oferece para os alunos.

3) Quais os pontos que os alunos demonstram mais interesse em cada um desses temas?

Na verdade, tudo depende daquilo que você oferece como subtema, cultura a gente trabalha com identidade e gênero, os alunos são fascinados pela temática, embora, polemizam bastante, mas eles se encantam com essa possibilidade de discutir sexualidade, as marcas de gênero, quando eles analisam uma propaganda que eles veem no cotidiano, no dia a dia, e não tinham percebido “poxa, uma propaganda de gente comendo hambúrguer, majoritariamente são homens e propagandas de chocolate majoritariamente são mulheres” e as mudanças que agora

tem, isso seduz bastante. Me parece que é mais a temática, o fenômeno que você apresenta para eles analisarem, dentro do aspecto cultural, dentro do aspecto político.

Na 2ª série, da mesma forma, temática de esquerda e direita, principalmente esse ano (2018), sempre se interessam, mas eu percebo que a temática, trabalho e política, é bem mais denso para eles, porque também entra uma gama maior de autores, mas os alunos se mostram bastante interessados, principalmente na temática de políticas públicas.

O segredo, me parece, que é a identidade do jovem, temas bem próximos do universo jovem, que estejam no cotidiano deles, eles adoraram conhecer projetos de leis, como a criminalização do funk, para entender o funcionamento da política, então o segredo é esse, aquilo que o aluno já vive e a oportunidade de olhar sociologicamente para aquilo.

- 4) Quais os pontos que os alunos demonstram uma maior dificuldade em cada um dos temas?

O que eu percebo, que existe uma grande dificuldade, não com um conteúdo em si, claro, a gente trabalha relações de trabalho, as diferentes concepções, mas me parece que o que fica difícil é que eles partem do conhecimento que eles tem, próprio, o senso comum, aí você apresenta uma realidade mais ampla, não tão narcisista, “olha o que você vê, é visto assim”, quando ele volta para fazer uma análise daquilo que é padrão, daquilo que mais se repete, ele tende a voltar para os conceitos iniciais, de senso comum, me parece, como Giddens diz “A sociologia é uma coisa que todo mundo sabe, mas ninguém entende”. Por mais que o aluno tenha contato com alguém que ficou 30 anos pesquisando, levantou milhares de dados e tem um padrão a apresentar, ele ainda dúvida daquilo.

Essa é a dificuldade maior, de não compreender a sociologia como ciência mesmo, mas não um conteúdo específico, mas as competências necessárias para se fazer sociologia, não conteúdo, também porque a gente não foca nisso, como conhecer a Mais-Valia de Marx, não é essa a nossa preocupação.

- 5) Existe algum tema ou conteúdo, além dos citados, que mereça destaque pelo interesse dos alunos ou da escola? Explique.

Na verdade, se a gente for pensar o trabalho nas sociais de da nesses eixos, chamaria até de grandes eixos, com os quais a gente trabalha, são vários subtemas que a gente trabalha aqui.

Mas o que foge disso, talvez a metodologia de pesquisa que a gente trabalha com eles, quando eles tem que escolher uma política pública, por exemplo uma que eles analisaram esse ano foi o auxílio reclusão, a chamada de bolsa bandido para eles, a coleta de dados, usar a ferramenta sociológica, a ferramenta de construção do conhecimento me parece que isso a gente trabalha bastante, algo que é transversal, tá dentro desses três universos, a análise do discurso, análise de narrativas que a gente trabalha. Na verdade, acho que esses três eixos contemplam o universo que a gente trabalha.

- 6) Ocorre alguma restrição ou orientação de evitar algum tema, autor ou conteúdo devido a orientação religiosa da instituição?

De forma nenhuma. Nesses 10 anos atuando e na construção do material, embora exista do que se chama aqui de elementos *inculturadores*, que é uma preocupação de trazer a cultura crista também para o universo das discussões, por exemplo, dignidade humana nas discussões de trabalho. Existe uma preocupação de demonstrar que existe um diferencial da maneira Marista de discutir as temáticas sociais, quando você pensa inclusão, redução da maioria penal, que o Instituto (Marista) se coloca contra. A gente traz essa marca.

Mas restrição, pelo contrário, porque a grande preocupação era não subverter, a sociologia tem a sua especificidade, ela tem sua linha positivista e ela tem sua linha crítica, isso a gente busca mostrar para o aluno também. Restrição não há, mas o que há, alguns desconfortos, principalmente nos últimos tempos, com relação a postura de algumas famílias, isso sim, mas a escola busca estar alinhado com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), com a cobrança que a própria UFPR faz com relação a gênero, enfim, não é um problema.

- 7) Ocorre alguma restrição ou orientação de evitar algum tema, autor ou conteúdo devido a questões políticas e sociais da atualidade?

Eu acho que é um facilitador, como a sociologia tem esse referencial teórico, eu não falo por mim, eu falo em nome de alguns autores, de algumas pesquisas, eu apresento resultados de alguns dados, acho que é muito mais fácil apresentar uma temática política, por exemplo, eles perguntavam “Bolsonaro ou Haddad”? A sociologia não vai responder isso, a sociologia vai perguntar: “Porque os indivíduos votam em Haddad? Porque os indivíduos não votam em Haddad”? Fica muito claro quando a gente pontua qual o olhar da Sociologia, é um olhar dos indivíduos, acho que isso é um potencial para gente, ao contrário, não é um entrave.

Agora, dois temas são delicados de trabalhar, são políticas públicas relacionadas ao aborto e a legalização do uso da maconha, no entanto a gente conseguiu trabalhar, através de uma pesquisa de políticas públicas e de propostas de leis, os alunos fizeram um levantamento de dados com relação aos dois posicionamentos, estudaram os projetos de leis. Quando a gente apresenta como o comportamento do outro, como projeto de lei, eles não estão simplesmente se posicionando, o professor não está colocando uma ideia particular, mas estudando um fenômeno, fatos que estão em sociedade. Mas o aborto é uma temática delicada, foi dada a oportunidade de os alunos escolherem, eram quatro temas: legalização do aborto como política pública, legalização do uso da maconha, projeto de lei pelo fim das penas alternativas e o outro projeto de lei eu não me lembro agora, e alguns alunos disseram que seria muito delicado discutir o aborto.

Mas veja, não foi uma imposição da escola, o próprio grupo de alunos, mas confesso que, dado momento, até a gente mesmo como professor fica receoso, precisa muita cautela, marcar bem o que é sociologia para não ter certos embates.

- 8) Levando em consideração a educação para a cidadania, quais as contribuições mais relevantes da Sociologia nesse ambiente escolar?

Veja, aí o teórico que eu vejo que vai ao encontro dessa necessidade é o Durkheim e a ideia de coesão social, e o aparato legal, e mesmo a função da escola como um espaço formador para além do afeto, daquilo que a família traz para eles. É preciso conviver em sociedade, o que exige certas ideias, planos e projetos em comum,

partindo de documentos oficiais, o que legaliza a vida para além, para além não, pois o próprio espaço familiar tem legalizações, mas o que organiza a vida em sociedade, não sem refletir sobre as relações de poder que se estabelecem, e tudo mais.

Veja, mesmo a questão gênero, bem difícil para a garotada, embora a gente sinta um universo um pouco mais tolerante, ainda é difícil para eles, por exemplo, lidar com o transgênero, a experiência que a gente teve, foi trazer uma professora, que trabalha em uma ONG “Tó passada”, ela veio conversar com a garotada, sobre a realidade das mulheres transgênero. A gente tenta, na medida do possível, sair um pouquinho, desse universo só da sala de aula, ainda com uma possibilidade de contra turno, para aqueles alunos que tem vontade, ou necessidade de aprofundar mais as temáticas, mais isso tudo é limitado pela nossa carga horaria, bem limitado.

- 9) Levando em consideração a educação para uma interpretação científica da realidade, quais as maiores contribuições da Sociologia nesse ambiente escolar?

Acho que essa é a chave para termos uma sociologia escolar que também encanta os alunos e não os agrida, porque, durante algum tempo, toda vez que a gente falava de luta de classes, por trabalhar em uma escola com um universo extremamente elitizado, o aluno se entendia como elite, como a crítica fosse a ele; são majoritariamente brancos, então falar de racismo parece uma acusação a eles; os meninos quando a gente fala em machismo; é fundamental a compreensão da ferramenta, como a sociologia chega, como eu estou apresentando aquela ideia, como você chegou a ela, isso é fundamental.

Primeiro a gente valoriza bastante o que eles pensam, “qual é a sua ideia sobre”? E os alunos também se respeitarem, porque, a partir da realidade que você vive, aquilo é uma realidade para você. Tem até uma brincadeira com eles “não perguntei a sua opinião, mas vocês não perguntem a minha”, sempre o que a sociologia tem a dizer sobre tal fenômeno.

Esse cuidado também é necessário nos documentos avaliativos, sempre a partir de um parâmetro, a partir do olhar de quem, a partir de que contexto. Acho que isso vai pontuando bastante, direcionado o olhar do aluno, para uma realidade que não é apenas a sua, por isso o cuidado de não discutir apenas temas sociais, o aluno fazer

da aula, aquele momento de debate que cada um fala o que quer, o que pensa; legal, bacana, mas isso pode não ajudar a aprimorar olhar a partir de lentes científicas, pode validar ou invalidar algumas hipóteses.

10) Na sua percepção, a sociologia contribui para a construção da empatia social dos educandos nessa instituição?

A empatia é inclusive um dos elementos *inculturadores* da escola que a gente tem que trabalhar, é a justamente a possibilidade de se colocar no lugar do outro, a alteridade.

Como conceito, os alunos conseguem perceber o outro, na 1º série a gente estuda o relativismo, o etnocentrismo, a gente percebe uma sensibilização do aluno quando olha lá as “mulheres girafas” ou as “mulheres da Mauritânia” que a concepção de beleza é outra, as mulheres obesas; consegue até fazer esse exercício cognitivo. Agora, se isso se transforma em prática, eu digo que é bastante difícil de responder.

Mas diz a neurociência que, isso pode não se transformar em uma prática imediata, mas essa aprendizagem está lá, e o aluno vai poder lançar mão dela em situações que isso seja necessário, mas quanto isso efetivo, não é só a sociologia que faz isso, e a educação como um todo.

Então, não acho que isso caiba só para a sociologia, a sociologia não faz milagre, um professor é só um professor, ela não tem esse diferencial, todas as ciências contribuem para você poder ampliar seu olhar para o outro, aos outros contextos.

11) Segundo Norbert Elias, na nossa sociedade complexa, existe uma tendência ao indivíduo buscar se destacar na sociedade. Na sua percepção esse comportamento pode ser observado nos alunos? Se sim, em quais situações? Essa competição na sociedade pode causar frustração, como os alunos lidam com essa frustração?

Em todo o momento, em uma sociedade de escassez, mas que todo mundo é cobrado para obter o melhor lugar e ter o melhor, então isso é constante.

Tudo depende do que aquele grupo elenca do que é melhor, tem a disputa para ser o mais bagunceiro, tem a disputa para ver quem tira a nota melhor, tem a disputa para ver quem tira a nota pior, depende do valor que o grupo dá. Acho que isso fica bem marcado na quantidade de adolescentes nos consultórios psiquiátricos, medicados. Isso mostra o quanto esses alunos, cada vez mais, são exigidos, e ao mesmo tempo, a dificuldade, pela fragilidade até, e a dificuldade de lidar com essas frustrações.

12) A sociologia pode auxiliar nessa compreensão da sociedade?

Mas é tudo muito subjetivo, os enfrentamentos concretos e reais são poucos perceptíveis, pois existe dentro da escola aquela ideologia dos valores, da aceitação de si, então a gente percebe essas nuances, nem sempre é muito perceptível.

(No caso da sociologia). No caso, os padrões de beleza, quando a gente trabalha a construção das identidades, os padrões de beleza para serem discutidos pelo padrão da mídia, então as diferentes formas de coerção, um olhar do colega de aprovação ou não aprovação, a não aceitação nos grupos de WhatsApp que eles têm, o próprio bullying direto que eles fazem, da difamação, nas festas de quinze anos, a gente usa o contexto que eles estão, e a gente percebe o desconforto na troca de olhares. Não dá para dizer que isso vai modificar o comportamento, de forma tão rápida, mas com toda certeza, contribui para refletir um pouco sobre si mesmo, sobre o contexto que esses alunos estão inseridos.

O “teste do pescoço” quando a gente testa o racismo institucional aqui dentro, deles olharem e verem que os negros aqui no Santa Maria não estão em nenhum espaço de visibilidade, ou eles estão na manutenção, ou eles estão nos serviços gerais, então o aluno começa se dar conta de coisas que são muito naturalizadas para eles, inclusive um número grande alunos que, ao sair da escola, que isso está lá, começa a fazer sentido, que toca, inclusive a gente diz que a sociologia aqui “ou você ama, ou você odeia”, não dá para dizer que a sociologia “da nada”.

Esses tempos eu entrei em sala e tinha uma enquete sobre a discussão do projeto de lei do funk, eles se dividiram é ou não é cultura; e uma aluna de livre e espontânea vontade ela fez uma enquete com os próprios colegas, e mostrou depois. Para ver como os temas da sociologia acaba tocando os alunos que constituem discussões para além daquilo que a gente consegue controlar ou está inserido, o que

é muito bacana. Só o fato de criar situações, piadas, e apelidos e eles brincam muito, “tudo é coesão” você percebe que a sociologia faz sentido. Usam para chocar os pais que depois vem telefonando, perguntando o que foi discutido em sala. Eu percebo que ela transcende, para modificar comportamento, não sei, mas para incomodar e desnaturalizar, isso eu tenho certeza que ela está fazendo o papel dela.

13) Levando em consideração a formação escolar para o mercado de trabalho, para a escolaridade acadêmica e a socialização, qual o papel principal da sociologia nesse ambiente escolar?

A preparação para o mercado de trabalho é através da grande passagem que é o vestibular, eu diria que o ponto mais forte de trazer o trabalho para a escola é a preparação para o vestibular, que a porta de entrada deles nesse universo escolar, isso tem bastante peso sim, na nossa fala, na nossa fala, muitas vezes a gente traz isso para os alunos.

Mas a gente reflete sobre isso também, se dizer que vai fazer faculdade de música e dizer que vai fazer faculdade de medicina, mas o mercado de trabalho aqui dentro ele se traduz em se preparar para uma boa universidade e uma boa profissão. Eles veem a escolaridade universitária como uma forma de manutenção, são poucos alunos bolsistas e que vão passar por uma mobilidade, a maioria é manter os status socioeconômico que já tem, veem isso através da escolha de um curso que vai inserir no mercado de trabalho, tanto que tem uma preocupação com rendimento na hora do curso, concorrência pra isso tem que estar bem preparado, tem que estudar, a escola seria esse trampolim.

A sociologia ganha esse caráter mais agora, que a federal colocou 5 questões na sua prova, e mesmo no ENEM e a produção de texto, a sociologia é super. Importante para melhorar seus argumentos de texto, a gente usou isso também para que o aluno entendesse minimamente a necessidade da sociologia dentro da escola, porque toda disciplina que começa precisa se consolidar a gente usou essas ferramentas, vai me ajudar melhor o contexto em que a gente vive, mas também vai me ajudar a passar no vestibular, que significa mercado de trabalho favorável.

14) Existe algo ainda não comentado que é importante dentro da sociologia em uma escola particular?

Apesar da minha história ser muito forte da escola particular, dentro do grupo (Marista) eu também já trabalhei em escolas públicas, na prefeitura, em escola estadual com sociologia, não se difere muito a compreensão do aluno da escola pública para o aluno do ensino médio, as competências sociológicas, as temáticas podem seduzir um pouco mais aqui ou ali, mas as respostas dos alunos são muito parecidas, a meritocracia encontro essa explicação dentro da escola pública quanto da privada, a influência em relação ao status ela é muito forte nas duas.

Eu não me sinto muito diferente trabalhando nesses dois universos, as vezes alguns cuidados, você falar de racismo em uma sala onde os alunos são majoritariamente brancos é uma coisa, trazer o racismo na sua vertente velada, e descortinar isso é bastante ofensivo e doloroso onde os alunos negros estão, pois eles também passam por esse processo de naturalização.

O cuidado com o tratamento das temáticas, compreender a realidade a qual você está, mas não vejo que eu tenha que mudar conteúdo, isso não.

B. 2 - Entrevista Professora - Anjo da Guarda

1) Formação? Tempo de profissão? Tempo dentro do grupo marista?

Formação em C. Sociais, formada em 1994 bacharel e licenciada e tenho formação em história também, que eu fiz depois, e fiz o mestrado em história. Tempo de profissão, desde 1995 na licenciatura, já trabalhei com EFII, Ens. Médio e na universidade, fui professora na Tuiuti durante muitos anos no curso de história e estou no Anjo da guarda desde 2001 e em 2017 o Anjo da Guarda foi incorporado a rede Marista, de Marista a partir de 2018. Na sociologia, na universidade, Introdução e Iniciação a Sociologia e no e.m. experiência desde 2005, independentemente de estar na universidade e nunca deixei de estar no E.F e E.M., mas na rede Marista a apenas 1 ano.

2) Como ocorre o ensino (metodologia, temas, conceitos e autores) dos seguintes temas:

Cultura; B) Trabalho; C) Política

Na verdade, eu tenho uma preocupação, eu não vou formar pequenos sociólogos, isso a universidade faz, então o meu aluno nunca vai ser um pequeno

historiador, pequeno filósofo, pequeno sociólogo, ele vai ser um aluno, eu tenho que fazer parte da formação desse garoto, a gente sempre faz questão de falar para esses alunos que eles são educados em casa, eles têm uma parte do seu conhecimento que vem de casa e a gente vai transformar, vai ajudar a compor o pensamento deles. O meu objetivo é formar um cidadão crítico, e eles tem muita confusão, eles acham que a gente vai inserir neles uma ideologia, eu tenho que me preocupar muito com isso, a medida que eu formo um cidadão crítico ele precisa ter um pensamento e uma postura crítica, mas eu não posso, de jeito nenhum passar algumas coisas para eles, eu vou tentar construir isso.

Você coloca esses três eixos, cultura, trabalho e política, a gente não foge disso, quando se inicia falando da construção do pensamento sociológico nós estamos falando em uma perspectiva que é cultural, eu penso muito na construção culturalista, então a gente fala muito sobre isso para eles. A cultura está muito próxima e eu consigo transitar para outras áreas, não sei se pela minha formação, e eu tive um marido geográfico, e a gente sempre teve na nossa casa pessoas das ciências humanas, a gente transitou muito por isso, então é uma facilidade muito grande que eu tenho de transitar pelas ciências humanas e a cultura está sempre presente nessa formação.

Com relação ao trabalho, é uma coisa até engraçada, na construção do conceito de trabalho, pois pra eles trabalho é uma coisa simples, que qualquer um faz e pode fazer, o trabalho não é um conceito da sociologia, um conceito da história, então quando falamos disso, eles tem muita dificuldade de assimilar os conceitos, e eles acreditam que sempre vai ser trabalhado na perspectiva marxista, até eu início por ele, mas aí você já está escolhendo uma perspectiva teórica que vai elencar para o resto da sua vida, eu tenho que falar pra eles que não, que existem outras formas. Eles têm bastante dificuldade de entender essa linha globalizante do trabalho.

Já política, eles gostam, e algo que dá muita discussão na sala, mas muito do senso comum, a gente tem muito trabalho para trabalhar política como um conceito sociológico, a gente tem que fazer muitas discussões, trazer muitas coisas, falar sempre pra eles que um caso não é significativo, um caso que eu vi com a minha vizinha não é científico, que mesmo o exemplo que eu dou, se for um só, também não científico, que eles tem que pensar muito em perspectiva de ciência, de uma perspectiva de como eu analiso, ou como isso foi analisado, como isso foi construído,

quais os diferentes discursos que compõem essas teorias. A gente até trabalha com isso, mas é um trabalho difícil.

- 3) Quais os pontos que os alunos demonstram mais interesse em cada um desses temas?

Esse ano (2018) foi política, ano eleitoral, eu achei que seria mais difícil trabalhar esse ano, a gente conseguiu trabalhar de forma relativamente tranquila, com algumas coisas do cotidiano deles que a gente vai tentando inserir, mas política eles curtem muito, mas eles em realmente uma dificuldade de separar o senso comum daquilo que ciência. Então eu vi que fulano fez isso, então isso é política e que todo mundo é assim.

Mas uma coisa que me chamou muito a atenção, não foi na disciplina de sociologia, foi em uma disciplina que a gente tem aqui que é diferente dos outros Maristas, chamada “Hub”, que é uma disciplina que eles são divididos em poucos alunos e eles vão trabalhar com os 4 eixos: humanas, biológicas, exatas e linguagens, então em cada trimestre esses 10 alunos ficam com um professor para um trabalho prático, o professor só orienta os trabalhos. Eu faço a oficina de ciências humanas.

No segundo semestre eles, eles tinham que pensar a partir de uma pergunta tema, que foi dada de forma generalizante “ a pobreza: porque sobra e tanto falta”, eles decidiram trabalhar com história de vida, assim forma atrás de algumas pessoas, e aí uma das serventes aceito construir a história de vida delas, a gente tento, ao longo do tempo discutir, sobre o ângulo do trabalho e da pobreza; e foi muito interessante que eles tiveram que ir a campo, ir até a casa dela, entrevista os familiares, entrevista ela na escola, o chefe dela, pra depois fazer um mini documentário sobre isso. Quando eles chegaram na casa dela, eles tiveram um baque muito grande, porque ela é uma pessoa muito pobre, e eles na volta, falaram assim: “ Você sempre falou da questão do trabalho, e a gente sempre pensou que quem trabalhasse não era pobre” aí eu falei: “Gente, não dá. Vou dar aula de novo, não é bem assim como vocês entenderam”. Então é muito difícil.

Te disse tudo isso para falar que é muito complicado, você fala e fala, discute um conceito teórico com eles sobre trabalho e eles não conseguiram aprender. Eles

saíram de uma coisa prática para voltar e não sacaram que o conceito de trabalho não é só você ir trabalhar.

Para eles é muito complicado, porque eles são de uma classe social muito elevada, e eles não tem “contato” com pessoas mais simples, as pessoas os servem, mas eles não sabem quem são.

Mas assim, desses três eixos, nós passamos por todos eles, mas o que eles mais gostam é política, por que eles acham que podem falar a opinião pessoal.

- 4) Quais os pontos que os alunos demonstram maior dificuldade em cada um dos temas?

A percepção da realidade talvez seja a principal dificuldade deles, como no caso citado da funcionária, ela ganha R\$ 2000 por exemplo, comentando com eles, quanto custa a mensalidade de vocês? Quanto vocês “custam” para os pais de vocês? Eles ficam pensando, custa quanto custa para sobreviver, e olha que estamos falando de uma pessoa que ganha 2,000 reais, imagina quem ganha um salário mínimo ou menos, então eles têm muita dificuldade de ver o diferente. Eles acham que quando as pessoas não são iguais a elas e por que elas não querem, existe muito essa coisa de meritocracia presente dentro deles, então temos que tomar muito cuidado, e em cada dia temos que fazer alguma coisinha relacionado a isso para eles; e Sociologia é uma aula por semana, você tem um agravante aí! Eu tenho uma facilidade com eles pois eu também dou história que são mais três aulas, então eu fico 4 aulas na semana, eu consigo um diálogo maior com eles, mas só sociologia com uma aula por semana fica complicado.

- 5) Existe algum tema ou conteúdo, além dos citados, que mereça destaque pelo interesse dos alunos ou da escola? Explique.

Olha, dá escola nunca foi me colocado nada, nunca tive nenhuma imposição da escola, até ficamos um pouco com medo no início se teríamos que trabalhar a questão de religião ou se seríamos bloqueados no tema religião, mas por exemplo, nas ultimas aulas de Sociologia eu tive que trabalhar o Sistema Marista de Educação, ele é um material muito raso, então no primeiro ano eu parti do início da sociologia e

eu vim até os clássicos, passei os clássicos e terminei com Bourdieu, ele vai pinçando temas, ele vai jogando as coisas e vai te trazendo, dependendo do tema vai trabalhando com um autor, e cita Weber eu trabalho com Weber.

Se o professor não tiver o conhecimento da sociologia, ele via trabalhar aquilo de uma forma mecânica e ele não vai dar conta de fazer uma apropriação mais crítica, então aparece uma dificuldade, então a gente vai preenchendo o que podemos discutir com eles. Agora no final, ao discutir religião com eles, a gente discutiu um pouco a questão do aborto e do casamento gay, aí você não fica na perspectiva somente do que a apostila deu. A apostila citou o aborto e o casamento gay, então a gente discutiu a questão do aborto, como cada um dos autores veriam a questão religiosa, gente tenta, na verdade, fazer uma leitura dos temas, e eles gostam muito de temas contemporâneos, são muito importantes para os alunos e eles vão pesquisar.

No caso da religião, eles foram atrás, eles viram como cada religião discutia, a sua formação e questão política, os temas contemporâneos eles gostam muito. Hoje é a questão das diferenças, a questão LGBT, eles perguntam muito, querem saber o que a gente acha, por exemplo, do aborto. Eles vão atrás de temas mais contemporâneos.

- 6) Ocorre alguma restrição ou orientação de evitar algum tema, autor ou conteúdo devido a orientação religiosa da instituição?

Não, não sei se porque somos novos, ou se realmente não vai ter isso. Eu não posso te dizer como Marista, mas aqui nós somos muito livres, nós temos uma direção muito crítica, o diretor é crítico, por exemplo, quando você fala sobre o respeito as diferenças, ele é muito enfático de dizer que temos a total liberdade para dizer e trabalhar com isso, então eu não vi nada que viesse da rede, eu não posso dizer que vai ser sempre assim, mas por enquanto não, tudo que eu quis trabalhar eu trabalhei.

Por exemplo, eu junho, nós fizemos um trabalho chamado “intervenção”, o que seria essa intervenção, eles escolheriam um tema que fariam intervenção dentro da escola. A gente ficou um pouco com receio de fazer ou não fazer, aí eles decidiram o que fazer, aí eu chamei a professora de literatura para trabalhar o trovadorismo, com os autores trovadores. Então, eles saíram, entrando em todas as salas recitando

poesias, levaram pessoas que tocavam e fizeram apresentação de música, se vestiram e recriaram cenas de Romeu e Julieta no meio do pátio, e teve um aluno que “pegou” Paulo Freire e espalhou Paulo Freire por toda a escola, e foi bem bacana. Podemos fazer um trabalho bem legal e não recebemos crítica nenhuma por causa disso, até um apoio grande, por isso não posso te dizer como funciona nos outros (colégios maristas).

- 7) Ocorre alguma restrição ou orientação de evitar algum tema, autor ou conteúdo devido a questões políticas e sociais da atualidade? (Pergunta realizada aproveitando a pergunta anterior)

(No caso da política – intervenção do pesquisador). Isso sim, nós tivemos a orientação de sermos imparciais, que não nos manifestássemos dentro de sala de aula, veio não da escola, mas da rede, e que tivéssemos muito cuidado com o que discutíamos. Ai, claro, a gente entendeu o recado, mas mesmo assim a gente não ficou quieta. Algumas coisas, por exemplo, o que a gente pode trabalhar, fazíamos como nos porões da ditadura, então trouxe um trecho do AI-5 para sala de aula para ler com eles, trabalhou um trecho do “Brasil nunca mais”.

Mas recebemos sim, mas a gente dá um jeitinho. Mas não podíamos ser parciais, não podíamos defender nenhum tipo de candidato, o que na verdade não fazemos, por também não acho certo isso. Pois não acho certo fazer campanha em sala de aula, não sou formada para isso, para mim não foi dificultoso, e aqui acho que a maioria entendeu também.

Mas foi muito interessante, eles (alunos) são bem danados, eles sabem que você tem uma postura “x”, aí pegavam a fala de um candidato e escreviam no quadro e perguntavam: “O que você acha disso?” E a gente ia discutindo. A questão política com eles é muito forte. Eu brinco com eles, existe o senso comum que diz assim Política, religião e futebol a gente não discute”, lá fora! Na aula de Sociologia discute, sim.

- 8) Levando em consideração a educação para a cidadania, quais as contribuições mais relevantes da Sociologia nesse ambiente escolar?

Olha, eu sempre tento fazer com que eles consigam perceber que a Sociologia nasce em um momento muito complicado, não diminuindo a psicologia, de jeito nenhum, mas enquanto as pessoas tentavam meio que enquadrar o indivíduo lá na revolução industrial, vem a sociologia, nem que seja em uma perspectiva mais conservadora, mais positivista, ela deu uma outra cara para as ciências humanas. Pela primeira vez você pode pensar a humanidade com uma metodologia, então eu sempre digo para eles: “Tudo o que acontece não é à toa”, quando discutimos essa coisa do senso comum a gente tem que tentar ir além daquilo que a gente foi criada para pensar. Digo para eles: “Apesar da gente ter nascido pensando desse jeito, a gente não nasceu pensando desse jeito, nos ensinaram a pensar desse jeito”, para isso serve a sociologia, para desconstruir um pouco essa forma de pensar. Que a gente sirva, nem que seja para dar uma “picadinha”, para dizer que não é comum pensar desse jeito, que é um discurso que foi construído e que as pessoas usam isso para dizer que temos que pensar desse jeito. Então ela é muito importante.

Eles conseguem sacar isso quando eles pedem mais aula, ou quando eles me pedem alguma coisa que eles entenderam o recado. Como você vê o outro, a perspectiva de pensar o outro, pois a escola é a nossa microssociedade, com todos os nossos preconceitos, a escola é muito preconceituosa assim como toda a sociedade.

É o que eu tendo passar pra eles, como ela surgiu em um contexto de industrialização, que as pessoas não tinham essa noção, a tentativa é fazer com que a gente pense como se a gente fosse diferente daquela coisa que a gente nasce, cresce, noiva, casa e continua a sociedade, ela serve em uma perspectiva como essa, estou sendo bem reducionista, nada científico agora, o que a gente em sala de aula tenta ser, porque se você for científico demais eles não vão sacar do que você está falando, tem muita dificuldade.

- 9) Levando em consideração a educação para uma interpretação científica da realidade, quais as maiores contribuições da Sociologia nesse ambiente escolar?

É uma preocupação constante, quando a gente começa falando da sociologia, a gente já determina as principais correntes teóricas, com autores mais

contemporâneos, porque para discutir uma questão do cotidiano você vai pegar o Bourdieu, vai ter que disser qual matriz que Bourdieu leu, eu preciso saber isso. A gente frisa bastante isso com eles, e eles conseguem perceber.

Nós temos discussões muito legais, essa discussão mesmo que fizemos sobre religião, eu pedi para eles, e pode parecer para um intelectual da universidade uma heresia, mas eu pedi para eles, ao discutir protestantismo, qual autor da sociologia vai discutir o protestantismo? Um menino decidiu que iria usar Marx, está tudo bem, quero ver o que você vai mostrar para mim. Aí ele foi, mostrou, achou que estava certo, e eu falei “gente é muito difícil pensar a religião protestante na perspectiva marxista”, aí, eles continuaram falando e eles me disseram “Fizemos bobagem né? Uma grande bobagem. Mas professora você deveria ter tirado da gente”. Eu disse “Não. Seu tirasse vocês não construiriam o conhecimento, não posso dizer. Vocês quiseram então vão testar. É uma hipótese”. Mas foi interessante, aí eles pegaram e pesquisaram a obra do Weber, e viram que ali caberia melhor.

Mas eles têm essa discussão, ao mesmo tempo nos temos alunos que conseguem pensar partir dos autores, se fosse Durkheim seria uma coisa, e tiveram que fizeram pesquisas bem legais. Como eu disse, não estou formando pequenos sociólogos, mas estou tanto teoria para eles e eles estão correndo, eles vão, bem aos pouquinhos. Eles entendem, mas tem algumas dúvidas, por exemplo, o conceito de Campo do Bourdieu, um pouco de Giddens também, sociologia brasileira também fomos construindo. Mas sendo uma aula por semana, a gente faz milagre.

10) Na sua percepção, a sociologia contribui para a construção da empatia social dos educandos nessa instituição?

A dificuldade, nós temos uma turma atípica, é uma turma única, de 1ºano, não temos o movimento de várias turmas, mas na turma dos menores, como eu dou aula também para os 9º anos, temos um ponto de vista de como funcionaria isso.

Não estou dizendo que estou em uma escola que é o paraíso, mas eu estou em uma escola que segue o nosso discurso anterior, de respeito ao outro, então desde que essa criança é pequeninha, essa criança escuta o discurso que é o lema criada pela dona da antiga escola, que ela diz assim: “Eu sou alguém, eu respeito os outros e quero que os outros me respeitem”, a gente sempre trabalhou nessa perspectiva,

que o respeito ele é fundamental, então os alunos vem vindo, mas mesmo assim ele são normais, eles tem problemas entre eles, um quer ser melhor que o outro.

Para o E.M. metade da turma era nossos a outra veio de fora, mas todos eles muito parecidos, adolescente é muito parecido, mesmas angustias, mesmo desejos e mesma classe social. Então quando vai trabalhar com eles nesse sentido houve uma quebra, não preciso de nenhuma disciplina que via tratar disso por que eu respeito, mas tem alguns que não, queriam fazer bullying, que não davam nem bom dia nem boa tarde para o zelador porque é zelador, e assim vai. A gente tenta fazer, tenta buscar, eu até faço um desenho para eles que é assim "eu e o outro, quem sou eu e quem é o outro", a ideia é que eu preciso me enxergar no outro, e quando a gente vem com algumas coisas nessa disciplina, a gente consegue isso, a gente discute algumas coisas na sociologia que possibilitam isso. Foi muito fácil, nessa escola, nesse ano (2018) foi muito fácil, se pensar no ano que vem nessa mesma época (dez.) Talvez eu diga outra coisa, porque vou estar lidando com outras turmas, um 2ºano, que talvez cada comece a pensar em si, então eu vou ter muito mais trabalho com eles. Mas estou em uma escola que mantém esse discurso e alguns já conseguem ver isso.

Quando eu entro em sala com sociologia eu já consigo ver isso, e algumas coisa da disciplina que eu vou pegar para fazer com que eles reconheçam o outro. Isso é legal da sociologia. Se você pegar a história, por mais que a gente goste, mas ela é em muitos pontos factual, tem vários discursos, existe critica aqui e ali, mas ela é mais de acontecimentos, tem horas que você não consegue dar conta de dar uma criticidade só pela história. Na sociologia não, ela tem uma perspectiva mais crítica, é ela que vem dar esse subsídio, por isso que ela é muito importante, você sempre vai buscar algo mais crítico para falar para eles.

- 11) Segundo Norbert Elias, na nossa sociedade complexa, existe uma tendência ao indivíduo buscar se destacar na sociedade. Na sua percepção esse comportamento pode ser observado nos alunos? Se sim, em quais situações?

Com certeza, a nosso micro sociedade que é a sala de aula, ela forma alunos para a competição, o sistema de ensino e formado para isso, a gente tenta muito desconstruir isso, eu trago muito Rubens Alves para eles para discutir uma outra forma

de ensino, mas eles são treinados para a competição, não tem jeito, o próprio sistema de notas, eles são treinados para isso.

Em uma disciplina que tem uma aula por semana, você tem que fazer a sua versão, tem que dar uma prova, um trabalho, eu não posso analisar na perspectiva só do trabalho oral, e assim vai.

Mas eles vêm com uma formação de que eles são os melhores que os outros, mas eles tentam, e é o objetivo da gente desconstruir isso. Eles têm o discurso da meritocracia muito forte, não adianta, eles têm isso na cabeça deles. Algo muito difícil é tirar isso deles, mas a gente planta uma sementinha na tentativa de questionar isso. Mas existe sim.

Eles estão o tempo todo fazendo uma competição entre eles no sentido de dizer quem é o melhor, no sentido de quem foi melhor aqui vai conseguir algo melhor lá, eles têm isso formado na cabeça deles. Mas até que aqui eu vejo menos, por eu tenho um público menor, talvez em escolas maiores isso ocorre com maior potencialidade.

Ele demonstra isso na prática do cotidiano, quando ele quer se destacar que passou na olimpíada de matemática, ele ganhou na olimpíada de geografia, eles têm isso o tempo todo, e você ali trabalhando, vai e volta, vai e volta. Mas, eu tenho aqui uma turma atípica, consegue perceber e criticar isso, mas são treinados para vitória sim, são treinados para o destaque, eles fazem muitas coisas para serem diferentes, real mesmo.

A escola como um todo, forma para isso, e é uma coisa que a gente briga muito, quando discutimos internamente a metodologia da escola, pensando uma metodologia diferente, mas como pensar diferente se eu tenho que preparar meu aluno para ser sempre o melhor. Existem próprio professores que incutem isso na cabeça deles, dependendo da disciplina que você tem, o professor vai dizer: "Vocês são os melhores, porque pagam mensalidades x, porque vocês isso!" Então, existe, e você está lutando contra inclusive alguns colegas.

- 12) Essa competição na sociedade pode causar frustração, como os alunos lidam com essa frustração? A sociologia pode auxiliar nessa compreensão da sociedade?

A gente tem que trabalhar que nem todo mundo vai ganhar, apesar dos pais trabalharem contra a gente, que os pais são os caras que sempre vai dizer que o meu filho é o melhor, que está na frente, que tem de ser o primeiro colocado. A gente está, pelo menos nessa escola, trabalhando que aquele que não foi o primeiro lugar não é o pior, que ele pode ser alguém também, que vai ter um pedacinho de mundo para ele, que ele vai conseguir alguma coisa.

A gente consegue usar essa ideia, e o professor de filosofia nos ajuda, a gente vê o melhor neles, mesmo aquele que se acha o pior, ele tem alguma coisa em que ele é bom. Por exemplo, um garoto que sempre foi muito mal na escola, mas executa voluntariado, mas ele se vê como uma pessoa nota “3”, tentamos valorizar essas atitudes, que eles dão conta de fazer outras coisas.

Mas é muito difícil, a imposição de fora é muito forte, é o primeiro lugar no vestibular, o cara que vai fazer medicina é melhor que o cara que vai fazer sociologia. Existe, e é o tempo todo nadar contra a corrente, mas a gente da conta.

13) Caracterizando a sociologia dentro de escolas particulares, o que ganha destaque principal e talvez único?

Comparando a escola pública com a particular você está em uma realidade muito desigual. Os nossos alunos têm uma realidade privilegiada, em tudo, no sentido de terem uma boa escola, no sentido de terem as condições para tudo, eles nunca vão precisar trabalhar enquanto estudam, eles podem ficar na escola para todos os reforços, para tudo que ele precisa, esse aluno pode chegar aqui as 7:00 da manhã e ir embora as 18:00. O pai deixa aqui e sabe que está bem cuidado, em uma escola que todo mundo vai olhar para ele. A escola particular tem muito disso, ela cuida do aluno o tempo todo.

O aluno é como se você o tempo todo tutelado, ele só vai andar pelas pernas dele mesmo quando ele for para fora, na universidade, principalmente em uma pública. A gente tenta o tempo todo demonstrar que eles precisam ter certa autonomia, que é isso a chave do sucesso deles. Os alunos aqui não conhecem o centro, eles veem alguém de boné e já acham que é ladrão, eles têm signos e coisas que são específicas deles, eles têm uma vizinhança muito parecida, normalmente em condomínios fechados.

Por exemplo, eles têm muita dificuldade de aceitar o programa de cotas, que as cotas não tiraram as vagas deles, que o sistema de cotas ampliou as vagas, que vai gerar conflitos é o debate sobre as cotas, que eles acham que estão sendo lesados, que quando chegaram na universidade eles tem que dar a sua vaga.

Mas o que temos que trabalhar é que conhecer de forma científica e melhor forma de tomar posições, não o senso comum do jornal, não dá. Essa é a característica da escola privada, principalmente essa de classe média alta, que eles vêm uma realidade muito diferente da realidade “normal”.

- 14) Levando em consideração a formação escolar para o mercado de trabalho, para a escolaridade acadêmica e a socialização, qual o papel principal da sociologia nesse ambiente escolar?

Eu trabalho na seguinte perspectiva. Enquanto tivermos uma sociedade desigual, a formação para o mercado de trabalho também será. Estamos numa sociedade capitalista e que prega a meritocracia. Então temos que tentar discutir a “vantagem” que eles apresentam sobre outras pessoas, que os méritos são apenas para os iguais e não para os que não tem formação escolar como a deles. E agir de forma a romper com essas desigualdades. Mas é muito difícil lutar contra o sistema imposto.

ANEXO C – PLANOS DE AULAS SOCIOLOGIA 2017

C.1 1ºAno

Objetivo anual: Perceber-se como integrante do todo social e, ao mesmo tempo, dos vários grupos e subgrupos que formam a sociedade por meio da análise do contexto em que vive e das teorias sociológicas, a fim de ampliar seu olhar frente a realidade social.

Conteúdos Nucleares: A Sociologia como ciência da sociedade, as instituições sociais e o processo de socialização, as relações de trabalho, a estrutura social e sua estratificação, cultura e ideologia, relações de poder, direitos e cidadania.

- Plano Trimestral 1ºTrimestre:

Objetivos: Analisar o funcionamento da dinâmica social do contexto no qual se insere, considerando as leituras sociológicas sobre a vida coletiva, a fim de problematizar as relações entre os indivíduos e a sociedade.

Conteúdos:

- 1) O ser social.
- 2) A Sociedade como construção social.
- 3) O processo de socialização e a construção das identidades
- 4) O papel da família na organização da vida coletiva e individual.
- 5) A mídia e a construção das identidades.

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Avalia a influência que o contexto social exerce sobre as identidades, bem como sobre as decisões dos sujeitos.
- 2) Analisa o processo de socialização e ação dos agentes socializadores na construção das identidades.
- 3) Identifica as controvérsias teóricas em torno da análise das instituições sociais.
- 4) Reconhece os diferentes usos feitos dos conceitos de família e parentesco ao longo do século XX

- 5) Entende a família como construção histórico social refletindo sobre o papel dos diferentes grupos familiares no acolhimento dos indivíduos e no processo de socialização.
- 6) Compreende o papel da escola e da religião dentro da dinâmica social.
- 7) Caracteriza as instituições políticas e econômicas e seu papel na constituição das identidades.

- Plano Trimestral 2º Trimestre:

Objetivos: Compreender a construção das identidades na sociedade contemporânea, por meio da análise dos discursos produzidos sobre unidade e diferenciação, a fim de compreender como a formação dos consensos podem levar ao silenciamento de determinados grupos, bem como a estigmas e estereótipos.

Conteúdos:

- 1) Cultura, poder e ideologia e a formação da identidade social (estereótipos, diferenciação e homogeneização)
- 2) Identidade cultural brasileira imaginários e estereótipos
- 3) Ideias sobre a miscigenação no século XIX
- 4) Racismo institucionalizado
- 5) Teoria de gênero, sexualidade e os movimentos feministas.
- 6) O papel social das mídias globais na construção das identidades.

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Demonstra capacidade analítica e interpretativa ao comparar teorias sociológicas e o seu cotidiano.
- 2) Compreende os principais conceitos que envolvem o estudo da cultura, da identidade e da diversidade.
- 3) Interpreta a construção da identidade cultural brasileira e as relações de poder que a consolida, a partir da análise de seus principais pensadores (intérpretes do Brasil)
- 4) Estabelece relação entre diversidade cultural e desigualdades sociais.
- 5) Analisa a construção da memória e da identidade nacional compreendendo-as como marcas elaboradas a partir de uma seleção de memórias que privilegia

determinados grupos sociais (com interesses de poder e domínio) e que tende a ocultar a memória de outros grupos sociais e étnicos.

- 6) Analisa o papel das instituições sociais presentes na história brasileira e seu papel na construção da sociabilidade e das identidades.

- Plano Trimestral 3º Trimestre:

Objetivos: Analisar as relações entre individualismo, consumismo e as necessidades da vida em sociedade, compreendendo a construção das identidades como um processo dinâmico, onde se pode moldar a própria identidade, construindo instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana.

Conteúdos:

- 1) Formação da identidade social (estereótipos, diferenciação e homogeneização)
- 2) Cultura, poder e ideologia na formação das identidades
- 3) Teoria de gênero

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Conhece quais são os caminhos para a formação da identidade social (estereótipos, diferenciação e homogeneização)
- 2) Demonstra a complexidade da formação da identidade juvenil que vive sob duas tensões: controle X resistência
- 3) Analisa as relações dos jovens com a família, a escola e as demais instituições sociais.
- 4) Entende a importância da cultura, do poder e da ideologia na construção das identidades
- 5) Analisa a teoria de gênero, a questão da sexualidade e os movimentos feministas no contexto contemporâneo

C.2 2º Ano

Objetivo anual: Refletir sobre sua identidade social e política por meio da problematização de seu cotidiano e da análise das teorias sociológicas, de modo a

viabilizar uma intervenção responsável na vida social, bem como o exercício da cidadania.

Conteúdos Nucleares: A Sociologia como ciência da sociedade, as instituições sociais e o processo de socialização, as relações de trabalho, A estrutura social e sua estratificação, Cultura e ideologia, Relações de poder, direitos e cidadania.

- Plano Trimestral 1º Trimestre:

Objetivos: Investigar os múltiplos fatores que intervêm nas relações sociais, colhendo e analisando dados quantitativos e qualitativos a fim de compreender os mecanismos de estratificação da estrutura social e as suas possibilidades de mobilidade, mudança e transformação.

Conteúdos:

A sociedade capitalista:

- 1) Origem e fases, estrutura de classes, mobilidade social, igualdade de oportunidade e igualdade de condições;
- 2) Representações da ideia de pobreza;
- 3) Distribuição e concentração de riqueza;
- 4) Políticas públicas como meio de equilíbrio social.

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Reflete sobre seu próprio ponto de vista contrapondo com os conceitos e teorias estudadas.
- 2) Identifica e explica os sinais de desigualdades sociais que se manifestam material e simbolicamente.
- 3) Explica as formas clássicas de estratificação social comparando-as com a sociedade atual.
- 4) Relaciona estratificação e mobilidade social nas diferentes sociedades, bem como no Brasil atual.
- 5) Explica as desigualdades globais considerando as relações entre países pobres e ricos.
- 6) Avalia possibilidades de intervenção social junto ao quadro da desigualdade estrutural do sistema capitalista.

- Plano Trimestral 2ºTrimestre:

Objetivos: Entender a política como uma rede de acordos que gira em torno de valores sociais e de relações de poder, por meio da análise da realidade político-social e dos pressupostos teóricos, a fim de compreender sua dinâmica no agir cotidiano.

Conteúdos:

- 1) Poder, Política, e Estado (relações de poder/autoridade)
- 2) Teorias clássicas sobre o Estado (Estado Moderno)
- 3) Democracia (características de um regime democrático)
- 4) Cidadania e Direitos civis, políticos e sociais
- 5) Movimentos sociais e cidadania

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Entende a política como prática social que implica a participação do cidadão nos destinos da sociedade.
- 2) Reconhece que existem diversas formas de poder, comparando suas dimensões.
- 3) Estabelece relações entre os movimentos sociais e as transformações na estrutura da sociedade.
- 4) Identifica a cidadania como uma permanente luta e conquista de direitos
- 5) Entende a democracia como um conjunto de regras consensuais.
- 6) Avalia propostas de intervenção na realidade utilizando dos conhecimentos sobre política, poder e cidadania.

- Plano Trimestral 3ºTrimestre:

Objetivos: Ampliar sua compreensão acerca dos fenômenos que envolvem juventude e violência, por meio da pesquisa, reflexão, argumentação e exposição de ideias, a fim de compreender as causas sócio históricas destes fenômenos e as propostas de intervenção pública praticadas na atualidade.

Conteúdos:

- 1) Juventude conceitos

- 2) Juventudes como construção histórica
- 3) Juventude na atualidade: conflitos e dilema
- 4) Juventudes: expectativas e perspectivas

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Participa ativamente dos debates e discussões em sala de aula.
- 2) Argumenta sobre seu ponto de vista em relação aos conceitos e teorias estudadas de forma coerente.
- 3) Analisa a juventude como fenômeno social
- 4) Avalia a relação da juventude com a sociedade em que se insere.
- 5) Compreende as ideias que contribuíram para a idealização da juventude, bem como para seus estereótipos e estigmas.
- 6) Analisa as diferentes maneiras de conceber a juventude e a sua relação com a indústria cultural.
- 7) Avaliar as ideias relacionadas ao protagonismo político e social, bem como a apatia e a alienação atribuídas aos comportamentos juvenis.
- 8) Analisa a associação entre juventude e violência.
- 9) Avalia as políticas públicas destinadas à redução dos danos quanto aos índices de violência que acomete a juventude.

C. 3) 3ºAno

- Plano Trimestral 1ºTrimestre:

Objetivos: Desnaturalizar concepções e explicações sobre a realidade social, analisando e contrapondo temas, teorias e conceitos, de modo a utilizar procedimentos mais rigorosos na análise das relações sociais.

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Contrapõe os diferentes discursos das Ciências Sociais e do senso comum para explicar a vida coletiva.
- 2) Relaciona as características e necessidades do Mundo Moderno à emergência da Sociologia como ciência.
- 3) Utiliza as teorias e conceitos dos clássicos sociológicos na compreensão do contexto Moderno.

4) Aplica ideias sociológicas na análise dos fenômenos sociais atuais.

- Plano Trimestral 2º Trimestre:

Objetivos: Refletir sobre as manifestações de poder, por meio da análise dos fenômenos políticos e suas repercussões na organização do Estado, a fim de avaliar os diversos interesses em conflito em sua sociedade.

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Discute as análises teóricas sobre o Estado contemporâneo.
- 2) Avalia as relações políticas nas democracias modernas e suas contradições.
- 3) Aplica diferentes explicações sociológicas na análise de movimentos sociais e de experiências em direitos humanos.
- 4) Seleciona alternativas frente à pluralidade de interesses políticos presentes na sociedade brasileira.

- Plano Trimestral 3º Trimestre:

Objetivos: Investigar a formação da sociedade brasileira e seus reflexos no contexto atual, por meio da análise sócioantropológica, para que possa avaliar as interpretações e discursos sobre a realidade nacional.

Indicadores de Aprendizagem:

- 1) Explica fenômenos culturais a partir da linguagem e do conhecimento sócio antropológico.
- 2) Analisa a formação da sociedade brasileira a partir do olhar sociológico.
- 3) Problematisa a construção da identidade nacional e suas relações de poder.
- 4) Compreende ideias a respeito da diversidade cultural e seleciona alternativas frente suas relações de conflito.